

A OFICINA PARA FORMAÇÃO DE ATORES DA ESCOLA DA TERREIRA DA TRIBO:



ENCONTROS E TRANSFORM(AÇÕES)

Anelise Vargas da Silva

ANELISE VARGAS DA SILVA

**A OFICINA PARA FORMAÇÃO DE ATORES DA ESCOLA DA TERREIRA DA
TRIBO: ENCONTROS E TRANSFORM(AÇÕES)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Teatro.

Orientadora: Prof. Dra. Sílvia Balestreri Nunes

Porto Alegre, dezembro de 2014.

*A todos aqueles que me acompanharam
nessa jornada, tornando o caminho mais
florido.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida.

A todos os Seres Divinos pela proteção e Luz no Caminho.

Agradeço aos meus pais pela acolhida.

A ela, pela maior amizade e amor do mundo. Te amo.

A ele, pelo exemplo. Porque através de sua fé na vida pude provar e comprovar minha fé em Deus e sentir no fundo da alma o que é o Amor. Te amo pai, incomensuravelmente.

Ao meu irmão, pela irmandade e calor.

Ao meu marido, por escolher caminhar ao meu lado de forma tão generosa e amorosa.

A querida Sílvia Balestreri, pela orientação, carinho, sensibilidade, amizade e paixão pelo ofício.

Aos meus colegas, pela companhia e amizade.

Ao Departamento de Arte Dramática e todas as pessoas que fazem dele um lugar fértil.

RESUMO

Através de entrevistas realizadas com ex-alunos da Oficina para Formação de Atores mantida pela Tribo de Atuadores Ói Nóis Aqui Traveiz, de Porto Alegre (RS), o trabalho agrega memórias dos entrevistados, a fim de investigar a influência desse processo nas escolhas artísticas dos seus participantes. Ao examinar similaridades e diferenças dos relatos, aliadas a lembranças da trajetória da própria autora na Oficina para Formação, analisa-se a importância dessa experiência na construção dos sujeitos como artistas. Depoimentos de professores contribuem para uma compreensão da estrutura pedagógica e da filosofia de ensino do curso.

Palavras-chave: Ói Nóis Aqui Traveiz, Oficina para Formação de Atores, Escola de Teatro popular, Experiência.

ABSTRACT

By means of interviews conducted with former students from Actors Formation Workshop kept by the group Tribo de Atuadores Ói Nós Aqui Traveiz ,from Porto Alegre(RS), this work adds memories of interviewed actors and actresses in order to investigate the influence of this process in their artistic choices. Examining similarities and differences on their narrations in conjunction with the proper author's experience as former student of the same course (same Workshop), it is analyzed the importance of this experience on their construction as artists. The testimonials of teachers contribute to an understanding of pedagogical structure and philosophy of teaching applied to the course.

Key Words: Ói Nós Aqui Traveiz, Actors Formation Workshop, School of Popular Theatre, Experience.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

1. Capa. Turma da Oficina para Formação de Atores da Escola de Teatro Popular da Terreira da Tribo 2009-2010. Terreira da Tribo, Porto Alegre (RS), 2009. Autor desconhecido.

SUMÁRIO

Introdução	08
Criando uma metodologia	13
A sementeira, o florescimento: nasce a Oficina para Formação de Atores	16
Diálogo	22
Ser político, no teatro e na vida	27
Vivência: o aluno inserido nos processos do Ói Nóis Aqui Traveiz	36
<i>As Vivências</i>	37
Experiência na Oficina e o artista hoje: influências e reverberações	44
<i>Compreendendo os significados</i>	44
<i>Voltando às experiências</i>	46
<i>Um mergulho em água fria</i>	50
Considerações finais	53
Referências	56

Introdução

“O ator deve ser lúcido e ambicionar mudar a sociedade, percebendo como primeira e urgente a transformação de si mesmo”.
(trecho do texto/manifesto O Ator, da Tribo de Atores Ói Nós Aqui Traveiz, sobre a função do ator)

Considero 2009 um dos anos mais marcantes de minha vida. Foi quando me dei conta (conscientemente) da existência de um grupo de teatro chamado Tribo de Atores Ói Nós Aqui Traveiz, também conhecido como Ói Nós, que fazia teatro de uma forma nada parecida com aquilo que eu havia visto ou imaginado ser possível se fazer no teatro. O espetáculo era *A Missão (Lembrança de Uma Revolução)* e senti que havia algo de mágico ali. O que era dito o era com muita propriedade e urgência. O ato teatral parecia, para aqueles atores, a coisa mais importante de suas vidas. Para mim, espectadora, o ato presenciado e compartilhado não se encerrava ali. Sua força era tanta e seu conteúdo tão condizente e relevante para a sociedade, que transbordava a cena e invadia a vida, trazendo consigo a necessidade de movimento, a inquietação da busca pela transformação de mim e do mundo do qual fazia parte.

Foi nesse mesmo ano que descobri que o grupo possuía uma escola, a Escola de Teatro Popular, localizada no espaço do grupo conhecido como Terreira da Tribo, e que aí estava uma porta para entrar em contato com tudo isto bem de perto. Foi o que fiz. Cheguei ali muito imatura, sem saber quase nada desse vasto caminho a ser percorrido que é o Teatro, mas com muita vontade de firmar os passos nessa caminhada. Meu primeiro contato com a Escola se deu através da Oficina de Teatro Livre, que acontece todos os anos de forma continuada, com grande fluxo e diversidade de participantes, propondo-se a ser um espaço de iniciação teatral e discussão do papel do artista como cidadão. Em seguida, passei a fazer parte da Oficina realizada no bairro Parque dos Maias, parte do projeto Teatro como Instrumento de Discussão Social, ministrada pelo ator Clélio Cardoso. Ali, fui informada que era iminente o início de uma nova turma da Oficina para Formação de atores da Escola da Terreira da Tribo. Sem hesitar, me entreguei a esta experiência. Digo “experiência” como algo profundo, no sentido utilizado por Jorge

Larrosa, como sendo algo “que nos passa, nos acontece ou nos toca” (2004) e desperta a transformação dos sentidos, principalmente da forma com que enxergamos, recebemos e nos relacionamos com o mundo. Mais do que tocada, fui rapidamente arrebatada. Paixão, vida, desafio, vontade, essência, encantamento, dor, medo, amor e gratidão são algumas palavras que surgem em minha memória mental e corporal ao lembrar daqueles tempos. Foram quase dois anos de descobertas e ressignificações de sentidos para minha vida e para o meu fazer teatral. Foi através desse encontro que aprendi, entre outras coisas, que o Teatro tem algo a dizer, e que nós, agentes do teatro, precisamos escolher o que dizer. Mais do que isso, aprendi que a entrega ao ato teatral traz consigo a necessidade de transformação de si mesmo e do mundo no qual estamos inseridos, e que o Teatro é uma poderosa ferramenta para essa transformação.

A inserção do Teatro fora dos grandes centros, como instrumento pedagógico, vem sendo uma prática adotada por diversos grupos no Brasil que têm em comum a vontade de promover o despertar e o debate acerca de questões referentes às estruturas sociais. A Cia. do Latão, o grupo Nós do Morro e o grupo Filhos da Mãe... Terra, do MST, são exemplos de coletivos que se dedicam a essa prática. Ao falar sobre as motivações do projeto *Teatro como Instrumento de Discussão Social*, do qual as oficinas promovidas pelo Ói Nós Aqui Traveiz são fruto, Paulo Flores afirma a crença no poder de transformação do teatro e ainda explica como isso inspira as práticas do grupo:

Então esta parte de Oficinas de Teatro toma um aspecto muito importante dentro do grupo, tanto é que leva o grupo a transformar a sua sede numa Escola de Teatro Popular. Quando a gente fala em popular, a gente está falando num teatro que se dirige à maior parte da população, dessa população que por carências econômicas e culturais não tem acesso à arte. (Apud. NOGUEIRA, 2009, P.57-58)

Paulo Freire, em seu livro *A importância do ato de ler* (1989), nos fala da necessidade do aprendizado estar relacionado com a realidade do aprendiz, para que não seja vazio de significados, possibilitando assim a conscientização de seu posicionamento no mundo e sua situação de agente transformador. Ler o mundo, não aprender a técnica pura e simplesmente, mas instrumentalizar-se para se entender como parte do mundo e, conseqüentemente, participante ativo de sua

escrita, construção e transformação. A passagem pela Escola da Terreira, e principalmente pela Oficina para Formação de Atores, instrumentalizou-me, não só para a pesquisa cênica ou a construção espetacular, mais do que isso, auxiliou-me na ampliação da minha capacidade de leitura e compreensão do mundo e mostrou-me a possibilidade de escrita e reescrita da vida através do teatro.

Ao entrar no ano de 2014 em sua oitava edição, a Oficina para Formação de Atores já formou sete turmas, o que significa que um número considerável de profissionais da área que hoje fazem parte da cena teatral porto alegreense, passou por ali. Destes, muitos cursaram também a graduação em Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul ou formaram seus próprios grupos. Mesmo seguindo por outros caminhos, todos têm em comum essa formação, que certamente foi e é muito significativa e tem forte influência em suas vidas artísticas até hoje. Afirmando isso, em primeiro lugar, por minha própria experiência, por entender que essa vivência reverberou e reverbera em mim até hoje. Sinto, e revelo aqui, que não encontrei (ou não busquei, não construí) um momento ou oportunidade de fazer um teatro onde me sentisse tão viva quanto nas experiências que tive na Terreira da Tribo. Além disso, os contatos, encontros e amizades teatrais que surgiram em meu caminho, são constituídos por muitos profissionais que têm como início de caminhada essa mesma Escola, e trazem consigo relatos ora positivos, ora negativos, mas nunca indiferentes, quando o assunto é o período em que estiveram envolvidos nesse processo.

As oficinas, voltadas para a criação cênica e para a formação de atores, são realizadas no espaço da Terreira da Tribo desde 1985 e inspiraram a criação, pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, das Oficinas Populares de Teatro pelo Projeto de Descentralização da Cultura, que acontecem em diversos bairros da cidade (ALENCAR, 1997, p.87). Além das oficinas anteriormente citadas, também estão em atividade a Oficina de Teatro de Rua – Arte e Política e a Oficina Popular de Teatro, que acontece em quatro bairros da cidade de Porto Alegre. A Escola de Teatro Popular realiza a Oficina para Formação de Atores desde o ano 2000. Com aulas diárias, teóricas e práticas, tem duração de 18 meses e é aberta a todos os interessados a partir dos 15 anos. Os conteúdos ou noções teatrais são estruturados de forma que os opinandos passem por um processo que possibilite o

autoconhecimento do ator, o reconhecimento e experimentação dos pressupostos necessários para a construção de personagens, a experimentação de situações dramáticas através do jogo dramático e a construção do produto estético final, a encenação. As disciplinas oferecidas se dividem em Interpretação, módulos A e B, ministrados respectivamente por Paulo Flores e Tânia Farias, Improvisação, ministrada por Clélio Cardoso, Expressão Corporal, sob responsabilidade de Tânia Farias, Expressão Vocal, disciplina que já contou com a colaboração de diversas professoras e hoje em dia conta com a participação de Leonor Melo, História do Teatro Brasileiro, cujo professor é Paulo Flores, Teoria e História do Teatro Ocidental, ministrada por Paulina Nólíbos e História do Pensamento Político, disciplina oferecida pela historiadora Clarice Falcão (TROTТА, 2012, p.41-45). Dentre os professores da Oficina, alguns são atores do grupo Ói Nós Aqui Traveiz, o que nos faz entrar em contato direto com a filosofia do grupo e com a postura de seus integrantes frente ao pensar e fazer teatral, que estão imbuídos de fortes questionamentos sobre as estruturas sociais vigentes. Conseqüentemente, e aliando a isso os conteúdos teóricos trabalhados, que estimulam o debate acerca do pensamento político, a formação dos oficinasandos ultrapassa a técnica teatral, abrangendo o pensar crítico e político sobre o Teatro e seu papel na sociedade como agente transformador.

A partir de minha vivência na Escola e do entendimento da importância que essa experiência tem em minha vida, desejo, através dessa pesquisa, dialogar com as pessoas que por ali passaram e conhecer as experiências vividas nesse mesmo espaço, em diferentes tempos. Unir minhas memórias a outras memórias, objetivas ou abstratas, claras ou obscuras, numa tentativa de reconstruir o passado e compreender melhor o tempo presente, de forma lógica ou sensorial, construindo novos encontros no agora, tendo como elo o teatro. Nesse sentido, identifico-me como trecho do texto/manifesto O Atador, que aborda o ato teatral como um acontecimento no qual

[...] há o rompimento radical do raciocínio lógico, produzindo a dissonância, ou seja, a presença da contradição que ativa e expande a sensibilidade. Assim, o teatro não é mais a simulação realista ou estilizada de uma ação, mas um ato de absoluta sinceridade, no qual o mais importante é a relação entre os seres humanos” (trecho do texto/manifesto O Atador, da Tribo de Atores Ói Nós Aqui Traveiz, sobre a função do ator)

Por perceber a importância das oficinas oferecidas pela Escola da Terreira, e especialmente da Oficina para Formação de Atores, para os profissionais que compõem a cena teatral porto alegreense, delimito como ponto de partida para este trabalho a seguinte questão: Como a passagem pela Oficina para Formação de Atores da Escola da Terreira da Tribo reverbera na vida artística posterior de seus alunos? Conseqüentemente, fez-se necessário o estudo mais aprofundado da estrutura pedagógica e filosofia de ensino desenvolvidos na Oficina, pois certamente esses aspectos são pontos significativos na construção dessas vivências.

Criando uma metodologia

Para tornar concreto este trabalho, fazê-lo emergir do mundo das ideias, precisei me organizar, buscar inspiração em metodologias existentes e ao mesmo tempo criar a minha própria. Nesse sentido, a leitura do livro *A entrevista na pesquisa qualitativa*, que me trouxe à luz informações importantes sobre a formulação das questões para as entrevistas, foi também um notável auxílio para planejar de forma consciente o quão amplas, abertas ou direcionadas elas seriam. Ao partir desse estudo, optei por organizar as entrevistas de forma semi-estruturada. As entrevistas baseadas nesse formato “exigem que se componha um roteiro de tópicos selecionados. As questões seguem uma formulação flexível, e a sequência e as minúcias ficam por conta do discurso dos sujeitos e da dinâmica que acontece naturalmente” (ROSA; ARNOLDI, 2006, p.31). Essa escolha se deu, pois havia alguns temas específicos que considerava significativos e que deveriam fazer parte dos questionamentos feitos aos entrevistados (teatro e política, teatro de grupo, etc), mas, ao mesmo tempo, sentia a necessidade de possibilitar o surgimento de novas questões e temas, surpreendentes e relevantes para o trabalho. Além disso, esse estudo se mostrou extremamente necessário, pois minha íntima relação com a Oficina para Formação de Atores é carregada de emoções, lembranças e opiniões pessoais que dizem respeito à minha vivência e que eu temia que influenciassem ou conduzissem as entrevistas de alguma forma. As considerações das autoras sobre a conduta ética, postura e o distanciamento necessários para a boa realização dos encontros foram cruciais.

Ao buscar que a pesquisa contemplasse as experiências de forma ampla, representando diferentes momentos da história da Oficina, selecionei um entrevistado de cada uma das turmas de suas sete edições, buscando ainda uma diversidade das relações estabelecidas por esses indivíduos com a Oficina e o grupo Ói Nós Aqui Traveiz. Assim, dentre os entrevistados encontramos aqueles que estão hoje na Universidade Federal do Rio Grande do Sul cursando a faculdade de Teatro, aqueles que formaram seus próprios grupos teatrais, artistas plásticos, músicos, atadores e ex-atadores do Ói Nós, professores e cientistas sociais. Além

dessas entrevistas, senti a necessidade de entrar em contato com o relato de mais um ex-aluno que tivesse vivenciado a experiência da Oficina para Formação, sem ter se envolvido diretamente com as montagens do grupo, ou participado de seu cotidiano de forma tão intensa, situação que se mostrou recorrente e recebeu grande destaque nos relatos, muitas vezes se sobrepondo às experiências da Formação. Os professores entrevistados, Paulo Flores e Tânia Farias, tiveram participação em toda a trajetória da Oficina desde sua criação, sendo seus relatos de grande valor para que as questões referentes à sua organização e pedagogia fossem contempladas, imbuídas das experiências e vivências de todo o processo.

Após contatar as pessoas escolhidas, os encontros foram finalmente marcados. Tive muita sorte nos convites feitos, pois todos se mostraram muito entusiasmados a colaborar com o trabalho. Através das questões previamente formuladas, sugeria que os temas escolhidos por mim fossem abordados, servindo de estímulo para as lembranças. Como iniciante no papel de entrevistadora, temia que minha condução fosse excessiva e que os relatos fossem demasiadamente influenciados por minhas pré-concepções, o que fez com que, nas primeiras entrevistas realizadas, sentisse certa insegurança em tentar trazer as falas dos entrevistados que, em minha percepção, haviam se distanciado da temática proposta, de volta a ela. Por outro lado, em alguns momentos, senti que as questões propostas por mim estavam impregnadas de minhas experiências, vividas no processo da Oficina para Formação. A adequação desses aspectos se deu à medida que os encontros aconteciam e me tornava consciente de tais limitações, adquirindo experiência e confiança.

Com o material das entrevistas em mãos, que haviam sido gravadas em áudio, iniciei o processo de transcrição de todas elas. Transformadas em texto, foi possível reler cada uma de forma atenta, visando o garimpo de assuntos comuns ou até mesmo contraditórios, presentes em seus âmagos. Desse cruzamento, surgiram quatro principais temas que deram origem aos capítulos desse trabalho. São eles: a influência do processo da Oficina para Formação no artista de hoje, a relação entre o teatro e a política, o espaço de diálogo na Terreira da Tribo, além da inserção dos alunos no processo de criação da Tribo de Atuadores Ói Nós Aqui Traveiz. As temáticas surgidas do entrelaçar de meus anseios iniciais e das memórias dos

entrevistados deram origem ao conteúdo deste trabalho, que conta ainda com a intersecção das lembranças que se avivaram em mim no contato com essas pessoas.

Cabe justificar que optei por não revelar os nomes dos entrevistados, com a exceção dos nomes dos professores da Oficina, a fim de criar um ambiente mais seguro, em que o constrangimento ou o receio de expor alguma opinião ou fato pudesse afetar o andamento das entrevistas. Expressões como “não coloca isso no trabalho”, “pelo amor de Deus, não quero que me levem a mal” ou “fulano vai me matar”, demonstraram a preocupação de alguns entrevistados com a recepção de suas falas. Ao serem informados do sigilo das entrevistas, se sentiam mais à vontade para expor suas opiniões e lembranças. Os trechos escolhidos para fazerem parte do texto deste trabalho, exemplificando ou complementando dados, aparecem em itálico, sempre com a ausência do nome de seu autor ou autora, apenas com a numeração correspondente a cada entrevista. Na tentativa de ser o mais fiel possível aos relatos, buscando ainda aproximar as sensações e atmosferas construídas nas entrevistas para este texto, optei por manter o caráter informal das falas em suas transcrições.

A semeadura, o florescimento: nasce a Oficina para Formação de Atores

Desde sua origem, a Tribo de Atuadores Ói Nóis Aqui Traveiz se propõe a ser uma facilitadora da troca de experiências e do desenvolvimento do aprendizado teatral. Criado em 1977, no contexto da Ditadura Militar brasileira, do encontro de Paulo Flores, Júlio Zanotta e Rafael Baião, o grupo nasce da vontade desses jovens de expressarem sua inconformidade com o contexto social no qual estavam inseridos, através da linguagem teatral. Mas é a partir de 1985, um ano após a abertura do espaço do grupo, conhecido como *Terreira da Tribo*, localizado na Rua José do Patrocínio, região central de Porto Alegre, que o grupo passa a ministrar oficinas artísticas de forma sistemática. Dentre elas, podemos citar a Oficina de Experimentação Cênica, a Oficina de Teatro Livre, a Oficina de Expressão e Movimento, a Oficina de Teatro de Rua, entre outras. Todas aconteciam de forma gratuita e não exigiam pré-requisitos de seus participantes (ALENCAR, 1997, p. 23-27 e p. 87). Por esse motivo, segundo Paulo Flores, único integrante dessa formação inicial presente ainda hoje no grupo, o Ói Nóis e a Terreira já eram reconhecidos pela cidade como um teatro-escola, antes mesmo de o grupo ter esse entendimento sobre suas ações.

Ao seguir adiante nesse percurso temporal, após 15 anos de efervescência criativa, temos um fato marcante na história do grupo, que foi decisivo para o surgimento da Escola de Teatro Popular da Terreira da Tribo: o despejo do Ói Nóis de sua sede, no ano de 1999 (TROTТА, 2012, p.34). Sobre esse momento, Paulo afirma: “depois de toda uma campanha de preservação daquele espaço pra cidade, quando a gente vai mudar de endereço, a gente decide então, constituir a Terreira também como uma Escola de Teatro Popular”. Sobre esse aspecto, Tânia Farias complementa:

Não houve um reconhecimento por parte do poder público, mas nós entendemos que é ainda mais importante, talvez, do que nós já sabíamos que era, porque nós tivemos uma acolhida enorme na cidade, para preservar a Terreira. Eu acho que isso faz com que o Ói Nóis cresça muito, e acho que a Escola é um aprofundamento do projeto pedagógico (FARIAS, 2014).

Houve muita mobilização popular e das instâncias de organização social para que a Terreira fosse considerada patrimônio público e se mantivesse preservada. Apesar disso, o Ói Nós precisou abandonar o prédio localizado na região central de Porto Alegre, passando a ocupar um galpão na Rua Dr. João Inácio, no bairro Navegantes, região industrial da cidade. Mesmo em meio às turbulências, o grupo entende o momento como uma oportunidade de intensificar sua contribuição para a sociedade, que tanto o havia apoiado nesse processo. No novo espaço, houve a ampliação do projeto educativo do Ói Nós, pois se tornara mais claro o reconhecimento da aptidão do grupo como facilitador de formações. Paulo Flores explica a importância política do estabelecimento desse local como espaço de aprendizagem:

Dentro dessa vocação do Ói Nós, que é uma vocação, vamos chamar assim "cidadã", de dentro da sua área de atuação, [se faz necessário] abrir espaço para democratizar, descentralizar a arte, especificamente o teatro. Então, dentro dessa vocação a gente se autodenomina Escola de Teatro Popular e pensa, que além das oficinas que a gente oferece, desde a constituição da Terreira, [é importante] a questão de serem oficinas abertas e gratuitas. Isso era como uma proposta social, uma proposta política do grupo, de tentar abrir espaço dentro da nossa cidade pra que a arte não seja tão elitizada como é (FLORES, 2014).

Tânia Farias considera ainda que a constituição da Terreira como Escola de Teatro Popular tem forte relação e estímulo a partir do reconhecimento da importância desse espaço pela (e para a) cidade:

Então a Escola é como uma resposta: "então a gente vai aprofundar o projeto pedagógico". E a gente vai pra outro endereço e cria a Escola. Eu acho que é como uma resposta para a cidade e também para o Ói Nós, porque a gente se deu conta de como era grande o projeto do Ói Nós e como ele era grandiosamente importante para essa cidade, e eu acho que as coisas foram se ampliando (FARIAS, 2014).

Nesse sentido, o Ói Nós segue o princípio de ter suas portas abertas para todas as pessoas que ali desejem estar e partilhar experiências, e segue ampliando seu projeto pedagógico. Além das oficinas que já aconteciam, nasce no grupo a vontade de agregar os aprendizados vivenciados nesses encontros, criando um

processo com maior duração e aprofundamento dos conteúdos. Surge assim a Oficina para Formação de Atores, que propõe em seus 18 meses de duração, um mergulho na experiência teatral, a partir de todas as vivências de aprendizagem já desenvolvidas pelo Ói Nóis.

Questionado sobre as inspirações pedagógicas e metodológicas adotadas na Escola da Terreira, mais especificamente na Oficina para Formação de Atores, Paulo Flores afirma que a estruturação desse processo de aprendizagem “veio da prática desse acúmulo que o grupo viveu nessas [outras] oficinas, em que se trabalhava diversas vertentes do teatro, e [ao nos questionarmos] de que maneira a gente podia agrupar essas ideias”. Ou seja, o que os estimulou e estimula é o desejo de possibilitar uma experiência de formação completa e estruturada, em que o que foi aprendido ao longo dos anos nos processos do grupo seja compartilhado com essas novas pessoas que por ali se dispuserem a passar.

Essa estruturação da Oficina, baseada nas experiências desenvolvidas no Ói Nóis, tem por consequência a natural influência das crenças e referenciais dos processos do grupo nas escolhas feitas para o desenvolvimento da Oficina. Sobre esse aspecto e sobre o desejo de agregar os conhecimentos desenvolvidos nas demais oficinas do grupo, Tânia afirma que tal motivação partiu de

um desejo de pensar numa oficina que pudesse juntar todas essas partes [...] Isso dá uma noção do teatro e do que a gente faz aqui também. Porque eu acho que, desde o princípio, também a preocupação na Escola, de dar uma noção do que é o teatro, num sentido de mundo, o teatro no mundo, as escolas, os movimentos, e também de dar um embasamento de como é o teatro para o Ói Nóis (FARIAS, 2014).

Essa visão teatral do grupo é trabalhada e inserida na Oficina de forma intencional e programada, e sofreu modificações em sua forma ao longo do processo. Paulo Flores considera essa uma das mudanças mais significativas realizadas ao longo das edições do curso, pois possibilita o aprofundamento dos métodos de criação do grupo no desenvolvimento das turmas de forma mais tranquila e proveitosa. Sobre essa mudança, Paulo ainda elucida como o trabalho

com os métodos de criação do grupo é organizado de forma paralela às demais linguagens teatrais:

Só no período final que a gente trabalhava os procedimentos que o Ói Nós adota, de criação. A gente [decidiu] já trabalhar desde o início, paralelamente com esse estudo do Naturalismo, dos tipos, depois do Teatro Dialético do Brecht, do Teatro Ritual do Artaud, e assim por diante [...] isso eu acho que foi uma mudança significativa, importante, dentro da trajetória da Oficina (FLORES, 2014).

A criação da Oficina para Formação de Atores, motivada pelo desejo de consolidar ainda mais a Terreira da Tribo como um espaço em que o acontecimento teatral é fomentado, se renova a cada novo processo, a cada novo encontro com os diferentes indivíduos que, a partir das trocas e experiências ocorridas nesse espaço, constroem e reconstroem conjuntamente os procedimentos mais adequados ao desenvolvimento da aprendizagem teatral. Isso se dá pelo fato de existir uma abertura por parte dosicineiros e responsáveis pelo pensamento e organização da Oficina, que se mostram sensíveis às necessidades e às características de cada turma, buscando renovar a forma com que cada conteúdo ou noção é apresentado. Além disso, os professores Paulo e Tânia consideram cada encontro, com cada grupo que se forma a cada nova edição da Oficina, uma oportunidade de aprendizado para si próprios, no ofício de sua docência. Nas palavras de Tânia Farias:

Acho que o principal é que a gente foi aprendendo muito [...] Aí tu experimentas isso numa turma e te dá conta de que precisas lapidar, ou mesmo tu vais crescendo na relação. Eu sinto muito isso assim, acho que a formação foi para nós também. A gente também foi criando a Escola, trabalhando cada turma pra construir uma ideia de formação e a gente foi se formando dentro desse processo, e acho que o barato todo é justamente tu entenderes que nunca está pronto, a gente continua se formando, a gente continua em formação, nós professores, a Escola (FARIAS, 2014).

Ainda dentro da ideia dessa abertura, podemos perceber na trajetória de Tânia e em sua construção comoicineira, que a Escola de Teatro Popular se permite ser permeada pelas contribuições e experiências trazidas de fora ou constituídas ali mesmo, dentro da própria Terreira. A atuadora, com breve introdução

à prática teatral desenvolvida em um grupo amador no colégio em que estudava, tem sua formação basicamente desenvolvida nas oficinas oferecidas pelo Ói Nóis, sendo hoje figura docente fundamental dentro dos processos da Escola. Sobre a construção de seu ofício ela conta:

O Paulo me convidou para acompanhar um trabalho que ele estava fazendo na Restinga, e eu fui. Eu assistia ao trabalho, fazia junto os exercícios, e daqui a pouco eu propunha um exercício, eu já tinha esse momento de experimentar o propor um exercício, ou aquilo que tu vais percebendo, trabalhando com o texto, aí tu tens um desejo de colaborar "olha, se tu experimentasses fazer assim?", e aí tu percebes que isso foi bom. E daqui a pouco, é quase natural, daqui a pouco tu [pensas]: "eu tenho que ir para esse lugar. Porque eu vim desse lugar". É como se o Ói Nóis criasse um ciclo [...] Então, é cíclico, é muito bonito, é quase que uma cadeia de generosidade. Então, foi meio que natural. Como deixar a roda gira (FARIAS, 2014).

E ressalta ainda:

Tu nunca queres ir lá e fazer o mesmo que tu já fizeste. Tu queres ir lá e "sacar" que tu estás experimentando algo novo, pra que isso continue sendo uma descoberta para ti, para que então tu estejas tão vivo quanto cada aluno que está ali participando do processo, tu também estás aprendendo, construindo algo, experimentando, observando (FARIAS, 2014).

Inspirada por esse relato e pela vivência desenvolvida no contato com os professores da Oficina, prestes a cumprir mais uma etapa de minha formação, a finalização da graduação em Teatro com ênfase em Licenciatura, sinto muito presente em minha postura como educadora a forma como as aulas eram conduzidas no processo da Oficina para Formação. Além da abertura às especificidades de cada grupo, a sensibilidade às experiências trazidas pelos indivíduos, busco desenvolver uma pedagogia apaixonada e apaixonante, que esteja permeada por questões relativas ao humano e que sejam de fato importantes e tocantes para cada indivíduo que estiver fazendo parte daquele momento, daquele grupo. Uma das entrevistadas também afirma que essa experiência foi e ainda é muito significativa no que tange as práticas pedagógicas que desenvolve hoje em sua vida:

Eu acho que toda a minha referência da pedagogia teatral, é da Escola de Formação. Todo o meu olhar em relação a qualquer curso que eu faço, ou qualquer oficina que eu faça, é permeado pelas experiências que eu tive lá na Escola, de exercícios, da forma pedagógica que eram conduzidas as aulas. Isso norteia muito o meu parâmetro de hoje, com certeza. (Entrevista 01)

Diálogo

Um dia eu perguntei pra Tânia: "ô Tânia, porque é Terreira e não Terreiro?", "porque aqui é um lugar fértil". Aí, eu fico pensando, é lindo isso. É lindo. É um lugar fértil mesmo. (Entrevista 02)

Todos sentados em círculo, no chão do tablado de madeira da Terreira da Tribo, localizada na Rua Santos Dumont, em Porto Alegre. Assim iniciou, no ano de 2009, o primeiro dia de aula da turma da qual fiz parte na Oficina para Formação de Atores. Confesso que tal prática não era algo extraordinário ou que eu nunca havia presenciado na vida, mas havia ali uma atmosfera, algo que intuía ser importante. Os olhares se encontravam, não fugiam. Todos tinham direito à palavra e todos eram ouvidos. Isso tudo instaurado já no primeiro dia, apenas pela energia daquele lugar e daquelas pessoas que nos recebiam. O ato de me colocar, em meio a esse clima, dizendo quem eu era, de onde vinha, o que ambicionava para o futuro, o que desejava para aquele encontro, foi uma experiência emocionante. Diversas vezes, fagulhas dessa emoção se fizeram presentes nos momentos de discussão dos quais participei ao longo do processo de formação, pois mais do que ouvir e ser ouvido, essas situações envolviam o exercício da reflexão e articulação do pensamento, de uma forma que eu não havia antes experimentado. Sentia que a escolha das palavras e a melhor forma de expressão destas, se faziam necessárias para que pudéssemos ser compreendidos de forma clara pelo grande grupo, o que foi um gigantesco aprendizado para mim. Além disso, sentia em mim e em meus colegas o esforço para que a escuta acontecesse de verdade, com real interesse e respeito pelo outro. Vivenciávamos a experiência do diálogo.

Nesse sentido, trago a questão proposta por Paulo Freire:

E que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade (Jaspers). Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação. (FREIRE, 1967, p.107)

Essa reflexão traz em si percepção semelhante ao entendimento de diálogo trazido pelos entrevistados, que é o compartilhamento e a construção de saberes que se dá entre pessoas que estão realmente envolvidas e entregues ao momento, com todos seus sentimentos e entendimentos de mundo presentes, propondo-se a trocar de forma profunda.

Sensações semelhantes às vivenciadas em experiências como as relatadas acima são comuns dentre os ex-alunos com os quais conversei. Para muitos, a possibilidade de diálogo foi algo realmente inovador, pois as experiências anteriores, no contato com o formato de ensino tradicional, diferem e muito da realidade encontrada na Formação. Um dos pontos mais importantes, segundo os relatos, é a abertura com a qual os professores se colocam diante dos alunos, durante todo o processo.

O que eu me lembro muito da Escola, é a questão das discussões, desse lugar aberto para se discutir, desse campo em que o "brigar", o discutir não é feio, faz parte de um processo. Ok, vamos discutir. Eu vi que a crise faz parte. Não é velado. Eu vim de um processo do Ensino Médio, então eu vinha de uma formação "normal", uma formação de escola, enfim, e vou pra uma formação mais libertária, no sentido de que tu senta em círculo... todas essas quebras de paradigmas... tu senta em círculo, tu discute com o teu professor, e discute entre amigos. E discute muito (Entrevista 01).

Esses espaços de discussão, experimentados ao longo de todo o percurso da Oficina, são fruto do entendimento, por parte do corpo docente, da importância do diálogo na construção do conhecimento, o que para eles se faz fundamentalmente alicerçado no compartilhamento de experiências e pensamentos. Segundo Paulo Flores e Tânia Farias, osicineiros têm papel fundamental no êxito desses momentos, atuando como provocadores e mediadores das discussões, o que segundo Flores se traduz, na prática, pela oferta de “propostas [pensadas] para facilitar a construção do conhecimento” (FLORES, 2014). Segundo o atuador, essa forma de pensar e pôr em prática o aprendizado está afinada à proposta do grupo, que entende que é através do diálogo que se torna possível a construção de algo coletivo, que necessariamente deve ser perpassado pelas ideias, desejos e

questionamentos de todos, isso tanto na esfera artística, quanto nas demais esferas da sociedade. Paulo afirma que essa é “a grande proposta do Ói Nóis, de pensar num outro mundo, num mundo que seja construído coletivamente”, e que a Oficina, esse “micro-mundo”, é o lugar de experimentação dessas possibilidades de construção conjunta.

Como é esperado, em um espaço em que há a possibilidade e incentivo à livre expressão de ideias, todo o tipo de opiniões se apresenta, e nem sempre, ou quase nunca, há total concordância por parte dos envolvidos. O que fazer? Como lidar com o sentimento de incompreensão ou rejeição presente nos desacordos, em que o individual se opõe ou não se encaixa ao coletivo? Essas questões sempre permearam as situações em que os debates realizados tinham como resolução a direção com a qual, pessoalmente, não me identificava, ou quando percebia o dissabor no olhar dos meus colegas, motivados pela discordância de opiniões. O resultado dessa reflexão, na maioria das vezes, era o entendimento de que o trabalho em prol do grupo, que é maior que o eu, mas agrega a mim e aqueles com os quais compartilho um ideal supera as divergências e as torna construtivas, movedoras de energia. Esse entendimento se construiu principalmente pela naturalidade com a qual tais situações eram encaradas e mediadas pelos oficinairos, o que possibilitou um bonito despertar que persiste e é buscado por mim até hoje. Sobre essa questão pontual, Tânia Farias relembra:

Porque quantas vezes tu, fazendo oficina, ou tu ficaste chateada pelo o que te disseram, ou tu percebeste que um colega estava muito chateado, só porque ele recebeu uma crítica? E faz parte. Não tem nenhum problema nisso, mas é um processo de, pelo menos, tentar minimizar isso, de entender que estamos todos juntos, na mesma barca. Então, isso faz parte do processo (FARIAS, 2014).

Tal aprendizado, também reconhecido pelos entrevistados em suas vivências, se dá de forma gradativa e natural, promovido pelas questões que irrompem ao longo do processo. Em suas percepções, não há interferência excessiva dos professores, que se colocam como participantes e incentivadores das rodas de conversa, contribuindo com suas experiências acerca dos temas tratados. Uma das entrevistadas ressalta a sutileza dessas intervenções, que por serem colocadas de tal forma, incentivam aos indivíduos a construção ativa desse entendimento. Sobre a

ocasião de sua experiência, ela afirma: “a gente acaba aprendendo a ter que, de alguma forma, se posicionar, dizer o que pensa em algum nível, e isso vai sendo um aprendizado que ninguém ensina diretamente” (Entrevista 05). É notável o amadurecimento das turmas nessas ocasiões, que têm aí a oportunidade de se entenderem e fortalecerem como coletivo, o que ocorre de acordo com os saberes anteriores que cada um traz consigo, aliados à sua percepção e sensibilidade ao momento, à escuta e abertura em relação ao outro, fomentando o surgimento da autonomia e união do grupo.

Então, a gente não tinha consciência do que era trabalhar em grupo. Fazer um teatro, para além de trabalhar em grupo, é tu trabalhar em grupo na discussão. Falar e falar, e ouvir, e deixar espaço para o outro. É em cena, é dialogando com o teu corpo, junto com o outro. Como isso se dá dentro do grupo? Na Escola, é o processo base pra ti começar a pensar na questão do que é ser um grupo, do que é formar um grupo. (Entrevista 03)

A partir da perspectiva deicineira, Tânia salienta ainda que percebe como necessária a atenção para que a construção dessas relações aconteça de forma equilibrada, com todas as partes encontrando conforto e incentivo para o exercício do posicionamento. Através de sua fala, ressalta ser de extrema importância a manutenção do

espaço pra o diálogo dentro do processo todo de construção, porque é um momento que tu percebes que a tua voz, ela também importa. E também, que tu precisas aprender a ouvir, que são duas coisas difíceis [...] E aí, às vezes se faz necessário perceber os momentos em que só uma parte da turma fala, e aquilo que essa parte da turma não fala, tu tens que perceber pra que tu fales e também que tu sigas instigando os outros a falar, porque os outros precisam ouvir [...] porque senão tu comesas a acreditar que tu podes falar sozinho (FARIAS, 2014).

Ainda assim, na montagem do exercício cênico de finalização da Oficina, um dos momentos mais importantes de prática desse diálogo, segundo alguns entrevistados, por vezes se observa um processo em que as discussões se dão de forma precipitada, o que é justificado pela urgência do acontecimento. O tempo, fator decisivo, gera certa ansiedade que, por vezes, pode se sobressair à busca pelo acordo. É aí que entra a firmeza nos propósitos do trabalho coletivo e do diálogo

como princípio do trabalho teatral. Uma das entrevistadas expõe as contradições que enxerga no processo que vivenciou:

Tem a proposta de texto, a gente decide tudo coletivamente, mas... também tem de tu saber defender o que tu é afim ou não, e se tu tem propriedade pra falar sobre aquilo ou não... se tu é um bom aluno ou não... se tu é engajado no que tu tá fazendo ou não [...] É, eu acho que na prática os professores te estimulam, cada um a sua maneira, de um jeito, ao trabalho coletivo. Também tem que ficar bonito no final, tem que ter uma peça legal e... custe o que custar, às vezes eu penso. Não sei se é a forma mais pedagógica possível. Mas é a que tu sabe que vai ficar melhor. Eles sabem o que vai ficar bom, o que vai ficar bem. Então não se discute e faz. (Entrevista 05)

Assim, entendemos que mesmo com o cuidado para que se construa esse terreno fértil para o diálogo nos espaços de formação da Terreira da Tribo, as dificuldades pessoais ou coletivas se manifestam, o que é natural, sendo encarado como tal pelos professores e, conseqüentemente, pelos alunos. O florescimento da capacidade de expressão e o desenvolvimento do equilíbrio entre o expressar-se e ouvir, entre as ações do percurso e a chegada ao resultado final, precisa ser constantemente incentivado e observado, sendo ainda uma busca ao longo do processo da Oficina para Formação.

Ser político, no teatro e na vida

Na Terreira eu fui descobrir o Teatro, tanto a parte política dele, que o Teatro é político em si, mas a parte mais imediata, de discursos sociais, de posicionamentos, de temas sociais. Também o político na forma de se colocar dentro da cena, e tudo o mais, o pensar esse outro lado do político. (Entrevista 04)

No programa que anuncia abertas as inscrições para a Oficina para Formação de Atores do ano de 2007, *A Tribo* declara:

[...] acreditamos que o que torna esta Escola tão especial é a formação que proporciona a seus alunos, não apenas rigorosa do ponto de vista da “técnica”, mas, principalmente, no tocante à construção de uma ética que se refere não apenas ao exercício da profissão de ator, mas ao seu papel social, que requer um comprometimento com a realidade que o cerca [...] a Oficina de Formação de Atores [...] busca através da construção do conhecimento favorecer a emergência do artista competente não apenas no desempenho de seu ofício, mas também preocupado no seu desenvolvimento enquanto cidadão (TRIBO DE ATUADORES ÓI NÓIS AQUI TRAVEIZ, 2007, folder de divulgação das inscrições para a Oficina para Formação de Atores).

Inspirada no texto acima cito Silvana Garcia, que, ao qualificar o Teatro Popular, destaca como característica comum aos grupos que se organizam a partir dessa perspectiva, a busca pela aproximação da sua arte às populações periféricas, além do pensamento e da produção de um teatro que se relacione com os anseios e com a realidade desses indivíduos. Segundo a autora, “essa vinculação com o social descarta o teatro enquanto mero entretenimento e determina um compromisso de solidariedade do produtor com os problemas e necessidades dessas populações periféricas” (GARCIA, 2004, p.126). Nesse sentido, temos nos projetos Caminho Para um Teatro Popular e Oficina de Teatro Popular, ambos desenvolvidos pelo Ói Nóis e que levam espetáculos e oficinas a diversos bairros da cidade, a direção seguida pelo grupo, de busca por uma prática artística e pedagógica que fale sobre e para a comunidade, fomentando ainda o pensamento reflexivo e crítico acerca das relações sociais estabelecidas. O fato dos sujeitos, que vivem nas regiões da

periferia da cidade, perceberem a existência de aspectos importantes de sua realidade abordados na cena teatral, bem como a possibilidade de se inserirem em processos de aprendizagem que estimulem a reflexão sobre si e sobre o meio em que vivem, tem como uma das possíveis consequências o despertar do desejo de entendimento das dinâmicas coletivas das quais fazem parte. A compreensão desses mecanismos, por sua vez, é um potente facilitador da transformação dessa realidade. Para Paulo Flores, as duas propostas fundamentais dos projetos, o assistir e o experienciar o teatro na prática, são complementares, pois entende que

se o teatro consegue provocar o espectador, de o espectador refletir sobre o seu estar no mundo, mais ainda a pessoa que vive um processo de aprendizagem. Se o teatro pode ser um elemento transformador, muito mais ainda para as pessoas que começam a fazer teatro, para os fazedores de teatro (FLORES, 2014).

Por acreditar nisso, Paulo afirma ainda que o processo artístico-pedagógico é hoje “uma das principais vertentes de trabalho do grupo”, pois é nesse processo “que a transformação pode ser mais profunda” (FLORES, 2014) e efetiva para todos os envolvidos. Alinhado a essas ideias, o diretor Sérgio de Carvalho, da Cia. do Latão, em entrevista sobre a transformação pela experiência, afirma que um dos papéis do teatro na atualidade é reafirmar a crença na modificação da sociedade, o que só é possível através da inserção de formas concretas da realidade na cena, bem como da participação consciente de atores e público nas encenações. Os espectadores devem se sentir convidados a colaborar com a obra, o que acontece principalmente pelo sentimento de que o que está em cena tem relação com a sua vida e instiga a reflexão acerca dela (CARVALHO, 2009, p. 174-176).

A Oficina para Formação de Atores, afinada a essa filosofia, é também o lugar em que o aprofundamento dessas questões é proporcionado. De fato, quando nos deparamos com a escolha da disciplina História do Pensamento Político como parte integrante no quadro do conteúdo programático do curso, encontramos aí um importante diferencial. Tal disciplina se propõe a abordar o “estudo da História das sociedades, [as] correntes do pensamento político e os processos históricos de sua construção e a História como instrumento de uma consciência crítica e de transformação do presente” (TROTТА, 2012, p.45). Esses temas, apresentados e

amplamente debatidos nas aulas teóricas, permeando ainda as discussões em todos os momentos e ambientes da Escola, são tidos como parte fundamental na formação dos ex-alunos entrevistados e surgiram, segundo a atuadora Tânia Farias, a partir do desejo de que “a aprendizagem teatral tivesse todo o tempo conectada com o mundo, conectada com os nossos problemas, com a nossa realidade, com as coisas que devemos discutir” (FARIAS, 2014).

Ao lembrar de minha experiência, trago ao presente a sensação de apropriação dos conteúdos trabalhados e da paixão com que buscávamos entender e discutir os assuntos históricos trazidos pela professora Clarice Falcão, responsável pela disciplina História do Pensamento Político e maravilhosa fomentadora de debates. Esse apoderamento dava a mim e aos meus colegas a certeza da possibilidade de transformação do presente e do futuro, visto que nos sentíamos instrumentalizados, conhecedores da realidade, dos mecanismos e papéis político-sociais, portanto capazes de lutar pelo o que eram os nossos ideais de justiça. O pesquisador Narciso Telles, em texto sobre as oficinas ministradas pelo Ói Nós, afirma que “em todos [os projetos da Escola] verificamos uma presença do projeto estético-ideológico do Grupo que ultrapassa os limites estéticos da cena na busca de uma sociedade mais justa” (TELLES, 2008, p.69).

É certo que a postura do Ói Nós, que é reconhecidamente um grupo com forte e definido posicionamento político, com ideais libertários e igualitários, invade o ambiente da Escola Popular, o que podemos perceber tanto em sua concepção metodológica e pedagógica, quanto nas temáticas apresentadas como estímulos para os exercícios. Uma das ex-alunas expõe sua opinião a respeito desse assunto de forma muito clara:

Por exemplo, o tema da Ditadura, bastante trabalhado pelo grupo, é um tema importante sim, que precisa estar num currículo de formação do ator, porque talvez a gente não tenha visto em outros momentos esse tema. Eu acho que esse tema nos faz pensar sobre o engajamento da arte nos acontecimentos sociais de um país. Não só num contexto de Ditadura, porque isso é uma referência de um tema, mas pensando hoje, nenhum tipo de arte, mas principalmente o teatro, tem como estar alienado dos movimentos sociais ou do que acontece no contexto social atual em que se vive. (Entrevista 04)

Ao propor a relação entre teatro e posicionamento político como tema para reflexão nas entrevistas realizadas com os ex-alunos, recebo da maioria deles a incisiva afirmação de que a construção desse entendimento está diretamente ligada à passagem pela Oficina para Formação. Paulo Flores, ao ser informado por mim desse aspecto conclusivo das conversas, não parece se sentir surpreso, ao contrário, mostra a tranquilidade de quem ouve algo de que tem conhecimento. Ao questioná-lo sobre a intencionalidade desse aspecto no planejamento da Oficina e ainda perguntar sua opinião sobre os porquês desse grande movimento de formação em que há o entendimento do teatro como atividade que deve estar consciente e envolvida nas questões políticas e sociais, relatado pelos entrevistados, recebo, depois de um breve silêncio, a resposta paciente de quem já respondeu a essa pergunta inúmeras vezes:

É clara a proposta do Ói Nós de que arte e política são fundidas, uma não existe sem a outra. E a proposta libertária do Ói Nós, que é muito clara. E isso se dá nos processos pedagógicos. Então, se pensa um novo aprendizado, uma nova maneira de se ver o mundo. Isso está presente. Na realidade, acreditar que a arte e, especificamente o teatro, que tem esse potencial transformador, e principalmente num processo de aprendizagem, isso ganha muito mais força (FLORES, 2014).

Nesse sentido, a opção da temática, prioritariamente política, presente nas montagens do Ói Nós e inserida também na Oficina para Formação, é bem aceita e entendida pelos ex-alunos como forma de propiciar e aprofundar o entendimento dos aspectos sociais debatidos e estudados em aula. A escolha dos textos para as montagens dos exercícios do curso, na maioria dos casos, busca fomentar o questionamento político das estruturas vigentes, tanto do passado, quanto do presente.

Nós vemos que existem temas que são mais enfatizados durante o processo da Escola, temas políticos mesmo, que são mais enfatizados, outros nem tanto, mas eu acho que existe um trabalho de disponibilizar às pessoas uma gama de temas. Existem temas que o grupo trabalha em diferentes níveis, o trabalho no teatro do grupo acaba tendo essa forma de atuação política. Os temas que a gente sabe... por exemplo, nós trabalhamos na Escola com a peça Patética, de João Ribeiro Chaves Neto, que falava sobre a Ditadura,

por exemplo. É uma escolha estética, também ética e política, do grupo, de trabalhar isso na gente. (Entrevista 04)

Há, dentre os ex-alunos, aqueles que, sabendo desse posicionamento do grupo frente às questões sociais, decidiram participar da Oficina a fim de se engajarem no aprofundamento e no aprimoramento dessa discussão. Outros, sem saber ao certo o que os esperava em termos de formação e discussão política, surpreenderam-se, e tiveram nessa experiência a oportunidade de ampliação e diversificação do olhar sobre si e sobre a sociedade. A construção desse entendimento se dá coletivamente, através da troca, do debate, das construções coletivas dos exercícios, e individualmente, através do contato das experiências pessoais com os novos conteúdos.

Então, de alguma forma eu entrei sem saber que o grupo também se propunha a ser um grupo político, de ação política [...] eu reconheci uma coisa que eu já tinha na família, de discussão, e consegui, de alguma forma, também, agregar coisas e ter um espaço pra se discutir sobre isso [...] eu senti dentro do meu processo, que houve um amadurecimento da minha parte, eu consegui organizar, eu tive oportunidade de discutir, de conseguir discutir, de conseguir estar num grupo onde se podia discutir isso. (Entrevista 01)

O relato acima é de uma ex-aluna que ingressou na Formação de Atores muito jovem e teve sua vivência continuada junto à história do grupo por aproximadamente uma década. Sobre o desenvolvimento e o espaço para a discussão política, dá destaque para algo que considero bastante relevante por estar relacionado às minhas percepções, e, apesar de não ser unanimidade entre os ex-alunos e de estar bastante carregado das experiências relacionadas ao grupo, penso ser de grande valor para a reflexão da prática teatral. Trata-se do que considera como o cuidado necessário para a não cristalização de um pensamento político, por mais que tenha em seu cerne um caráter humanitário ou revolucionário. Pelas experiências de formação que desenvolveu concomitantemente à vivência no grupo, entende que

há um problema na rigidez, mesmo nas coisas que a gente acha mais legal, de conceitos, e mais legais de filosofias ou mesmo de campos políticos... eu consegui me ver um pouco não estagnada,

não cristalizada, nesses conceitos, mas consegui refutar eles em alguns aspectos, olhar pra eles com estranhamento e tentar: "é isso mesmo?", sabe? "É dessa forma mesmo?"... e comecei a criar tantos questionamentos, tantos, a ponto de sair do grupo, que também foi, de alguma forma, uma escolha política. (Entrevista 01)

Como já relatado, minha vivência no processo da Oficina foi de profundas descobertas no campo da História. Os conteúdos eram apresentados de forma tão surpreendente e diversa daquilo que havia aprendido na escola comum, que sentia como se os véus da ilusão caíssem um a um, ali mesmo, na sala de aula da Escola de Teatro Popular. Cada mecanismo, cada inverdade contada durante séculos, era desmascarada. Ficava atordoada, instigada, repleta de questionamentos. Ao mesmo tempo, estar ali, na Terreira da Tribo, lugar tão alinhado aos ideais de liberdade e justiça social, que busca de fato pensar e agir em direção à transformação, era a perfeição. Vivia a concretização da utopia. Confesso que tudo isso causava certo deslumbramento. A trajetória do grupo e dos atores é inspiradora e emocionante, o que faz nascer um grande respeito e admiração por parte dos alunos. Isso, por outro lado, torna difícil o questionar ou o discordar desses seres que consideramos tão generosos, por dividirem conosco suas experiências. Entendo esse fato como uma dificuldade gerada pela imaturidade, minha, de alguns colegas (sem querer ser injusta), não como algo incentivado ou aprovado pelos professores, mas que pode acabar criando outro tipo de ilusão. Se, por um lado, me sentia mais apropriada dos conhecimentos relativos aos acontecimentos históricos e os mecanismos que movem a sociedade, capaz de questioná-los, por outro, tinha resistência em olhar para meus professores com a mesma abertura e coragem, empobrecendo assim a reflexão e a minha colaboração para o coletivo.

Apesar dessa percepção, talvez mais pessoal e isolada, sobre tais dificuldades que creio serem inerentes às relações humanas, nada enfraquece o fato de que política, no processo da Oficina para Formação, não se resume a um discurso ou a um debate sobre algo distante da realidade diária. Há, na prática, o exercício do entendimento das relações existentes no microcosmo social que é a Escola, além da busca por construí-las ou transformá-las de forma que sejam condizentes com o que se acredita ou o que se deseja como um ideal social. A

postura de todos, alunos e professores, diante das discussões, divisão de tarefas e manutenção do espaço da Terreira da Tribo, refletem a busca por essa prática:

É que se tu for parar pra pensar, tudo é política, né, desde tu chegar no espaço e tu ver: "olha, quem tá limpando esse espaço é o mesmo professor que vai me dar aula daqui a pouco". Ou tu pensar: "olha, se eu uso esse espaço de uma forma gratuita, as pessoas me ensinam, trocam comigo... será que eu tenho que fazer o meu lanche e deixar ali no chão, porque outra pessoa vai vir e vai recolher?". Acho que é um processo assim que começa, acho que tu começa a te dar conta de muitas coisas ao mesmo tempo [...] Até, de repente tu ler um texto que fala sobre um período da história e tu te dar conta: "nossa! A história está sendo contada através desse espetáculo de teatro, através desse texto de teatro!". (Entrevista 03)

Esse conjunto de práticas e debates, em que a postura do ator é colocada em questão, tem reflexo na compreensão desses ex-alunos, hoje profissionais do teatro, que entendem que têm um papel importante como cidadãos. A atuadora Tânia Farias afirma que a proposta da Oficina, assim como todo o projeto pedagógico da Escola, é a formação do “ator-artista comprometido com o seu tempo [...] que pensa sobre o que vai fazer, que imagina que o teatro pode ser um instrumento, que diga coisas que acredite, coisas as quais entenda que vão fazer diferença”, o que justifica completamente a preocupação do grupo em criar esse espaço para o desenvolvimento do pensamento reflexivo. Sobre o entendimento do papel do ator, uma das ex-alunas afirma:

E, querendo ou não, eu acho que é uma coisa super generosa do grupo estar oportunizando isso, para as pessoas poderem experimentar fazer teatro, sem ter, necessariamente a necessidade de querer ser um ator como, às vezes, a gente imagina que é um ator. Porque ali a gente tem sim essa vivência de que o ator não é aquela coisa mais da sua carreira, do seu ego, ele tem um papel quase dentro de um todo. Eu acho que isso é o mais prioritário na Escola, que tu vais aprendendo. Acho que tem essa relação, por isso que se fala dessa palavra, o “atuador”, é uma palavra símbolo do grupo, mas eu acho que é super bonito mesmo. (Entrevista 04)

As oficinas da Terreira, nos bairros e em seu centro de estudos, têm como um de seus principais objetivos fomentar o surgimento de novos grupos teatrais independentes. Dentre os entrevistados para este trabalho, encontramos integrantes

de coletivos formados em sua origem quase que exclusivamente por indivíduos oriundos das Oficinas da Terreira, um grupo formado no contato estabelecido durante o processo da Oficina para Formação, e ainda aqueles que, se envolvendo com outras práticas artísticas, têm em comum a busca por um fazer artístico consciente. Um exemplo é o Grupo Rito, formado por três ex-alunos da turma 2011-2013 e uma participante da turma 2009-2010 da Oficina para Formação. O Rito se originou durante o processo do curso, sendo seu primeiro trabalho, *Minha Cabeça Era uma Marreta*, um dos exercícios da mostra final da turma naquele ano. Pela primeira vez uma encenação da Formação persiste ao fim de um período letivo, se tornando independente de forma tão consistente. Sobre esse processo, um dos integrantes do grupo relata uma conversa que teve com Paulo Flores:

O Paulo diz "ah, é tão difícil a gente pensar isso... que a Escola produziu um trabalho que continua um ano e pouco apresentando!", né, porque acho que foi a única experiência. A gente tá num projeto pra... em dezembro, que eles vão viajar, são três Estados, né... Rio, São Paulo e Minas, uma semana em cada lugar, e nós vamos levar a Marreta, porque é o processo pedagógico da Escola. Então a gente vai junto pra mostrar que isso acontece dentro da Terreira, né. Pra nós é maravilhoso. (Entrevista 02)

Para os ex-alunos que integram hoje outros grupos de teatro da cidade, há em comum a busca por um fazer teatral comprometido, que se proponha a expor e debater questões pertinentes à sociedade e às relações humanas. O conceito “teatro engajado politicamente” e a negação ao “teatro de entretenimento” são uma constante nos relatos, que têm em comum também a escolha pela dedicação a um teatro que se propõe político em sua postura.

Eu acredito muito mais num teatro popular, num teatro engajado... se não é, pra mim, eu não sou afim. Pode ser bom para os outros, e eu ver os outros fazerem, eu gosto de teatro de qualquer jeito, mas eu fazendo, me interessa muito mais um teatro que é popular, se não é, não me interessa. (Entrevista 05)

Eu fazia um teatro do entretenimento, e eu não entendia isso. Com a Terreira, com o Paulo, a Tânia, o Clélio... Paulina, que é genial, Clarice, a Leonor... eu entendi, que o teatro, ele tem que ser político. É o meu entendimento hoje. Eu tento explicar, não é panfletário, ele é

político, ele tem que transformar alguma coisa, nem que seja eu mesmo, os que estão do meu lado. (Entrevista 02)

Essa vontade de transformação e a consciência de que o ofício a que me dedico como atriz e professora é um ato político e que traz em si a necessidade de um engajamento, de uma tomada de posição, visto que comunica e transforma aqueles que a ele se dedicam ou que por ele são tocados, surge do contato com a Oficina para Formação e as experiências vivenciadas em seu processo. Independente das temáticas abordadas nos processos criativos aos quais me dediquei após essa vivência, que tratavam de questões mais subjetivas, mas ainda relativas ao humano, é clara para mim a responsabilidade inerente a cada ação e escolha que faço, pois é através delas que comunico aquilo que penso e desejo para a sociedade, as relações e o mundo.

Vivência: o aluno inserido nos processos do grupo Ói Nós Aqui Traveiz

- Alô.
- Oi, Ane? Tudo bem? Aqui é o Clélio falando.
- Oi Clélio, tudo bem.
- Então. Realmente vamos precisar fazer uma substituição no Amargo Santo. Tu gostarias de fazer essa história? Tu tens disponibilidade para viajar para São Paulo nesta sexta?
- (silêncio). Sim.

Ao tentar reproduzir o diálogo acima, ocorrido no ano de 2009, assumo o risco de ser imprudente, esquecendo algo importante, ou ainda acrescentando ou modificando alguma palavra. Penso que tais falhas possam ser amenizadas por se originarem das lembranças que me habitam e que se dissipam com o passar do tempo. Ao meu favor, ainda digo que o faço na tentativa de compartilhar os fragmentos desse momento tão marcante, ainda pulsante na minha memória pelas emoções que movimentou. Era, naquele momento, integrante da Oficina ministrada pelo ator Clélio Cardoso no bairro Parque dos Maias, em Porto Alegre, mas nunca havia experienciado o teatro de rua. É certo que o caso dessa urgente substituição, da qual fui participante ativa, é uma exceção no que diz respeito ao convite feito aos alunos, para que participem de uma encenação do Ói Nós.

Antes de tratar das demais experiências, se faz necessário dizer que considero esse um ato de extrema generosidade e coragem por parte da Tribo e seus atores. Entendo que a viagem marcada, somada à desistência de uma integrante em fazer parte daquele espetáculo foram grandes motivadores para o convite feito a mim, mas grande também foi a confiança necessária para fazê-lo. O fato é que, por causa dessas circunstâncias específicas, adquiri experiência em teatro de rua de forma concreta e em um espaço de tempo muito curto, se comparado ao tempo que levaria nas condições consideradas habituais. Ter de descobrir a relação do meu corpo e da minha voz com a amplitude do espaço urbano, a melhor forma de comunicação com o público, além de todas as especificidades que essa linguagem teatral exige, tudo isso na prática, fez com que

os momentos vividos deixassem marcas em minha memória mental e corporal que, certamente, fazem parte da artista que sou hoje. Essa foi minha grande escola de Teatro de Rua.

Tive também a oportunidade de fazer parte do espetáculo *Viúvas: performance sobre a ausência* (2011), do qual participei de processo de criação desde o seu início. O convite para fazer parte desse espetáculo se deu naturalmente, visto que já estava inserida no processo do espetáculo de rua do grupo. A encenação começou a ser pensada e construída ao mesmo tempo em que apresentávamos *O Amargo Santo da Purificação* em turnê por diversos estados brasileiros. Durante as viagens, fazíamos leituras da peça de Ariel Dorfman, algumas pessoas sugeriam cortes no texto, assistíamos a filmes sobre o momento histórico que contextualizava a peça, enfim, vivenciamos um processo intenso de estudo, a fim de nos prepararmos para a montagem. De volta à Terreira, todos os envolvidos no processo tiveram a possibilidade de criar uma cena, ou ritual, apresentando ideias de cenário, composição de personagem e estética para a encenação. Todas essas propostas foram assistidas por todo o grupo, que debateu sobre cada uma delas, buscando agregar umas às outras, formando uma unidade que comporia, por fim, o espetáculo. Definidos esses aspectos, o passo seguinte foi a preparação do terreno, literalmente falando, para que fosse possível a realização da peça. O local escolhido foi a Ilha das Pedras Brancas, ou Ilha do Presídio, localizada entre as cidades de Porto Alegre e Guaíba, e que ainda guarda as ruínas de um antigo presídio utilizado durante a Ditadura Militar como local de prisão e tortura. Fizemos a limpeza e preparação técnica do local para o início dos ensaios e apresentações.

As vivências

Assim como eu, a maioria dos ex-alunos entrevistados passou pela experiência de participar de alguma das montagens do Ói Nóis, o que ocorreu tanto durante o processo da Oficina, como após seu término. Alguns deles foram ou ainda são atores do grupo. Todos eles relataram ser esse um fato muito significativo em seus processos, mas, para alguns, ele é considerado tão importante, que se

torna quase impossível falar de forma separada das experiências vivenciadas na Escola e no Ói Nós Aqui Traveiz. Em muitas das entrevistas, os relatos se misturavam de tal forma, que se fazia necessário um resgate, feito ora por mim, ora pelos próprios entrevistados, para que os temas abordados estivessem relacionados com a Oficina para Formação de Atores. Como exemplo, cito a fala de uma das entrevistadas que, quando questionada sobre a importância da Oficina em sua formação, chegou a afirmar que

a importância dele [do curso], na verdade, foi o que ele desencadeou, o que veio depois do curso, que foi entrar no Ói Nós e todo o resto. Então, na verdade, o que eu digo é que ele é mais importante pra mim, [porque] foi a porta de entrada... foi onde eu entrei em contato com o grupo. Posso dizer até, que é mais importante do que a formação que eu tive dentro Escola. (Entrevista 01)

Essa fala em especial, além da constatação dessa dificuldade em separar a vivência na Escola da experiência no grupo, fez com que eu buscasse o relato de mais um entrevistado, além daqueles que já eram previstos no início deste trabalho. Senti a necessidade de ouvir as percepções de alguém que tivesse experienciado os caminhos da Oficina para Formação de Atores, sem ter se envolvido de forma tão direta com o grupo Ói Nós Aqui Traveiz e seus espetáculos, a fim de abrir espaço para o encontro de entendimentos distintos dos quais já havia tido contato. De fato, esse relato extra surgiu carregado de influências que afetam as escolhas artísticas do presente e que têm sua origem nas experiências vivenciadas na Formação de Atores. Os métodos e processos de criação do ator, o entendimento da relação de teatro de grupo, são muito semelhantes às compreensões daqueles que se envolveram mais profundamente com o Ói Nós. O que se mostra diverso é o entendimento do teatro e seu posicionamento político perante a sociedade. Para essa ex-aluna, que não se envolveu com o grupo após sua formação, não há a necessidade da escolha da temática especificamente política para que o teatro cumpra sua função de comunicar e transformar ator e espectador. Basta que a escolha do tema tenha relação com aquilo que é essencial ao humano, que traga em si essa energia de ancestralidade.

Segundo os atores entrevistados, os convites para as participações acontecem pela necessidade do grupo, de reunir o elenco para a composição de

suas montagens, que geralmente contam com um grande número de atores, mas também fazem parte de uma política do grupo de abrir-se para novas pessoas, muitas vezes sem experiência nenhuma em teatro, para que possam vivenciar esses processos com o grupo. Sobre essa prática a atuadora Tânia Farias afirma:

tem uma pré disposição do Ói Nóis de querer sempre trabalhar com mais gente, mais gente, "mais gente envolvida no trabalho pode ser legal", "mais gente dentro disso pode ser bacana". Essas coisas de abrir, abrir, abrir. Acho que o Ói Nóis tem uma coisa meio assim, mãe, aberta, sabe? "Vamos lá, venham todos", sabe? (FARIAS, 2014).

Dessa forma, o envolvimento dos alunos com os processos de montagem adquire também caráter formativo, sendo, em conjunto com os exercícios da Oficina para Formação, a oportunidade de vivenciar de forma ainda mais profunda os procedimentos iniciados na Escola. Os próprios espetáculos se tornam terrenos férteis e receptivos ao desenvolvimento das potencialidades desses indivíduos. Ainda nas palavras de Tânia Farias:

Todo espetáculo tem pessoas que não são atores, elas vão se transformar em atores ao longo do processo criativo. E os processos criativos são longos, também, porque tem que dar conta de formar uma pessoa. Quando digo uma, não estou dizendo que é uma, são algumas. E isso, não tem nenhum (espetáculo) que seja diferente. Agora a Medéia, tem pessoas que nunca tinham feito uma peça de teatro e estão no mesmo espetáculo que o Paulo, que a Tânia, que o Clélio. E aí o tempo das pessoas, e mesmo assim, ainda o processo de apresentação é um processo que segue sendo um processo de aprender. A percepção do espaço... tem a percepção de lidar com o inesperado, que no teatro sempre vai ter, a improvisação (FARIAS, 2014).

Outra questão que influi muito para que esse encontro se concretize, é a afinidade entre os alunos e as propostas do grupo. É necessário que o novo participante dedique muito de seu tempo e engajamento para acompanhar o ritmo dos ensaios e das apresentações, que é bastante intenso. Como foi dito por uma das entrevistadas, hoje atuadora do Ói Nóis, “não é a Terreira que escolhe as pessoas, as pessoas também demonstram, as pessoas também se escolhem para

fazer parte do grupo” (Entrevista 03). Há uma proposta muito clara de posicionamento político no fazer teatral do grupo, sua organização e forma de criação características, que já estão em pleno desenvolvimento quando esse novo integrante chega. Há então a necessidade de uma adequação, que principia pela observação dos movimentos, dos fazeres e das relações já construídas. A atuadora Tânia exemplifica brevemente como se dá essa percepção da afinidade do aluno em relação ao trabalho do grupo:

Geralmente é assim: tu convidas pessoas que estão te mostrando que estão super interessadas. Tu não convidas alguém que achas que vai fazer a Escola, vai sair dali e vai fazer a sua história, mas não quer se envolver com o grupo. A gente sempre convida pessoas que estão ali te dizendo: "ai, eu quero". De alguma maneira, na sua ação, está fazendo isso (FARIAS, 2014).

Apesar desse entendimento, ao longo dos anos e dos encontros construídos, essa postura do grupo em relação aos alunos vem sendo revista. A intersecção do processo da Oficina e da vivência do grupo, em alguns casos, pode causar prejuízo ao aluno, quando este não está suficientemente amadurecido ou engajado no desenvolvimento de seus aprendizados, no construir-se ator. Ao mesmo tempo, o grupo sai prejudicado quando um dos integrantes de seus espetáculos abandona o processo antes de seu término, por exemplo, devido a alguma discordância em relação às dinâmicas de organização do grupo, falta de tempo para dedicar-se ao espetáculo e tudo o que isso implica, ou mesmo por ter se envolvido com o grupo de forma precipitada, sem ter a dimensão do significado desse ato e do engajamento necessário para a sua manutenção. Tânia conta como foi o desenvolvimento desse pensamento:

Acho que uma coisa que a gente percebeu já, que a gente não deve envolver os alunos antes do período final do curso. A gente chegou assim, internamente a uma discussão: é melhor deixar que o curso role todo e só ao final do curso, tu faças, tu comeses a perceber quem realmente está mais interessado no trabalho do grupo, especificamente, e aí introduzir as pessoas. Porque mesmo, claro que sempre é, sempre tem um saldo positivo, todas as [experiências], porque tudo é experiência, entendeu? Mas a gente já fez algumas análises sobre isso e chegou à conclusão de que o melhor para o desenvolvimento dessa pessoa dentro da Escola é que ela siga na Escola, e que ela se envolva com o grupo depois (FARIAS, 2014).

Além desses aspectos, um dos entrevistados que foi atuador do Ói Nóis por muitos anos ressaltava que percebia e expunha para o grupo que essas relações, por se fundirem, se confundirem, ou seja, o aluno passava a ser também colega de trabalho, acabavam gerando uma aproximação excessiva, o que ele chamou de “pessoalização” da relação do professor com esse aluno. Além disso, entendia que o nível de cobrança que o grupo colocava para si próprio não deveria ser o mesmo para com os alunos.

isso é uma coisa que é muito discutida internamente no grupo, que é essa... esse não conseguir desvincular. O processo, como se dá internamente, se dá de uma forma micro, mas com a exigência igual, dentro da Escola, para com os estudantes. Acho que se transfere, e acho que essa pressão que a gente, que o grupo e no Ói Nóis... se faz, né... ele acaba se, acho que às vezes até pessoalizando as relações demais, se transformando numa coisa além do que deveria ser, sabe... além do que deveria ser: professor. (Entrevista 06)

Uma questão que se mostrou bastante recorrente nas falas de alguns dos ex-alunos envolvidos com os espetáculos do Ói Nóis e sua organização foi a diferença percebida por eles entre os processos de criação vivenciados na Oficina de Formação e nos espetáculos do grupo. Para muitos, há uma ruptura muito drástica quando se passa de um processo a outro, sendo que a experiência da Escola lhes parece muito mais profunda ou com muito mais cuidado envolvido, principalmente no que diz respeito ao trabalho do ator, visto que o tempo dedicado à preparação e criação de personagens e cenas, em sua percepção, é maior. Sobre os processos de criação experimentados nos dois estágios de seu envolvimento com o Ói Nóis (Oficina e grupo), uma das entrevistadas relata:

Eles são [os processos de criação], cada um é de um jeito. Mas é engraçado, porque parece que se pula etapas de processos que na Escola se tem. É como se fosse: cheguei e entrei, vamos fazer o espetáculo!... Tá, mas e a construção da personagem? E sei lá, parece que era uma coisa assim: "ok, tudo bem, isso aí é o que a gente faz na Escola, mas agora a gente não tem tempo! Bora lá que não tem tempo". Então, e a pesquisa? Cadê? "Não, não, é coro, vamos lá. É uma ideia". E daí, esse foi o primeiro questionamento que eu tive: "tá, mas por que não estão fazendo? Poxa, isso é teatro,

isso é a vivência". Tá, o espetáculo é o produto final, mas o processo, e tu descobrir coisas novas, te permitir descobrir coisas novas? [...] Coisas, que na Formação aconteciam, de tu criar um ritual, todo esse processo que eu senti que no "pega pra capar" não rolava. E também a condução dos espetáculos tem uma coisa muito forte de imagem e de uma fórmula, uma fórmula do grupo, acho que tem uma sensibilidade de coisas que dão certo, de coisas que são bonitas, ou seja, tem coisas que já se descobriu, coisas que se utilizam de novo. Existe muito a coisa da imagem... e as pessoas, o ator, ele se dilui naquilo, se dilui no coro. É impactante a máscara, é impactante o que se quer dizer coletivamente, é impactante as pessoas que estão ali, porque elas estão ali acreditando, sabe? Mas existe um processo de criação, um processo do ator, que eu acho que fica... que não se é muito bem... de pesquisa, pessoal. Que eu acho que não se tem espaço, apesar de... porque não se tem tempo. Não se tem espaço. Pra um fortalecimento pessoal enquanto ator. (Entrevista 01)

Creio ser importante salientar que os processos de criação da Oficina de Formação são organizados em módulos, dentro de um currículo pedagógico e contam com o acompanhamento dos professores. No grupo, esse movimento se dá, segundo Paulo Flores, de forma mais independente, sendo esse um "outro estágio, um outro momento", em que se faz necessário o desenvolvimento da autonomia criativa do ator. Quando dividi com osicineiros as percepções citadas, foi Tânia Farias quem colocou:

Tu já tens que fazer por ti mesmo. É que na verdade tem toda essa questão da autonomia. A gente faz todo um trabalho. Quer dizer, cada um deveria saber o que precisa para o seu corpo. Tu deverias entender, "bah, eu preciso alongar hoje porque... Ah, eu preciso chegar mais cedo pra ter mais tempo". Porque isso te forma como artista né, ou tu vai ficar sempre esperando que te digam o que tu tens que fazer? Tu vais chegar pra fazer um filme e tu vais esperar que o diretor te diga "olha, agora tu te prepara, tá?". O diretor não vai dizer pra ti te preparar. Ele vai dizer "vem que nós vamos gravar" (FARIAS, 2014).

Uma das entrevistadas, hoje atuadora do grupo, ressalta a ideia de que a Formação de Atores, bem como as demais oficinas, tem muitas das características do grupo em sua estruturação e métodos de criação. Nesse sentido, entende que esses momentos de pesquisa são uma preparação para os processos criativos do grupo, visto que seus envolvidos acabam criando uma linguagem comum, que é utilizada no estágio seguinte: o espetáculo, a convivência em grupo.

O que acontece é que, como a Escola é um prolongamento do que é a organização na Terreira, a gente vai trabalhar com coisas que a gente já sabe sobre o que está se falando. Por exemplo, durante o processo da Medéia agora, que a gente trabalhou sim com sequência de ações, trabalhou sim com improvisação livre, em contato com o outro, improvisação combinada... isso tudo, a gente passou na Escola. Então [são] quase que códigos, que tu acessa muito mais rápido, porque tu já teve contato com aquilo. (Entrevista 03)

Esse contato dos alunos com os processos do grupo, de fato, se apresentou através de opiniões e mesmo memórias muito opostas, sendo encarado como um dos temas mais polêmicos propostos por mim, na opinião dos entrevistados. Muitas falas bastante fortes e contraditórias foram proferidas, como por exemplo, “me sentia uma estagiária, eu não tomava nenhuma decisão importante...só me vinha “tu faz isso, aquilo outro””, ou “me sinto parte do grupo até hoje”. Acredito que isso se deve à expectativa criada sobre o que é a realidade do Ói Nóis Aqui Traveiz, muitas vezes uma expectativa fantasiosa e apaixonada, que supera aquilo que acontece na sua prática, o que acaba se desfazendo no dia-a-dia, no contato com as pessoas e os problemas previsíveis em um grande coletivo. Talvez surja nesse percurso uma decepção pelo confronto entre a realidade encontrada e a admiração pela ideia do que é esse grupo e as utopias que prega e desperta em nós, que ficam demasiado feridas ao descobrirmos que os indivíduos que fazem esse trabalho ser concreto e possível são humanos, apenas.

Experiência na Oficina e o artista hoje: influências e reverberações

Compreendendo os significados

Para falar de experiência, ou experiências, visto que me dispus a investigar em mim e em outros indivíduos as memórias relevantes de determinado momento de nossas vidas, senti a necessidade de compreender o significado da palavra “experiência”. Realizei uma pesquisa simples, em dicionário comum, para uso próprio, o que me levou a um determinado raciocínio, que exponho aqui. Além disso, busquei o entendimento desse conceito no largo estudo desenvolvido pelo professor Jorge Larrosa, que tem na afirmação “a experiência é isso que me passa” (LARROSA, 2011, p.5) o início do caminho pelo qual nos conduz em suas explanações. Primeiramente farei uma exposição da breve pesquisa feita por mim, em dicionário simples.

O título deste capítulo (Experiência na Oficina e o artista hoje: influências e reverberações) foi escolhido por mim de forma intuitiva, mas, em posterior consulta ao dicionário virtual *Priberam*, um singular percurso de pensamento se construiu. Inicialmente, ao buscar a significação da palavra experiência, constatei que ela pode ser entendida como “o ato de experimentar”, a “experimentação” em si ou ainda, o “conhecimento adquirido por práticas, estudos, observação”. Inspirada pelo jogo de exposição dos significados das palavras proposto pelo professor Larrosa no texto *Experiência e Alteridade em Educação* (2011) segui buscando o entendimento das demais palavras da sentença: influência e reverberação. O ato de influir (a influência) significa “fazer fluir ou correr para dentro de”, ou ainda “causar e sentir entusiasmo”, “contribuir para”. Reverberar tem o sentido de “refletir (luz ou calor)”, “resplandecer”. Esta última palavra tem, por sua vez, o sentido de “emitir luz própria”, “tornar-se notável, florescer, realçar, sobressair”, “viver”. Ao me deparar com os significados de tais palavras, vi um bonito percurso desenhar-se a minha frente, completamente apropriado à importância dos momentos vivenciados no processo de formação da Oficina. Ao entrarmos em contato com suas propostas, temos a

oportunidade de nos apropriarmos dos conhecimentos através do desenvolvimento das práticas e da observação dos indivíduos, suas ações e relações. Essas vivências, adquiridas, construídas, têm influência em nossas vidas ainda hoje, pois estão introjetadas em nossos seres, advindas desse fluxo de experiências para dentro de nós, desse fluir de acontecimentos que causam, modificam, contribuem para sermos os sujeitos que somos hoje. Num movimento de retorno, de completude de um ciclo, tudo o que é hoje parte daquilo que somos emana de nós, como fragmentos de nossa luz própria, daquilo que temos a oferecer com a nossa arte, nossas ações, nossas escolhas de posicionamentos no mundo, nossas vidas. Observar, experimentar, sentir fluir para dentro de si (algo que causa, que contribui), refletir a luz, emitir luz própria (florescer, viver). Sinto que essa sequência de palavras resume ou corresponde à importância do processo vivenciado na Oficina de Formação e sua influência em nossas vidas.

“A experiência é isso que me passa”. A afirmação já citada anteriormente é explicada por Jorge Larrosa como sendo a experiência algo externo ao ser humano, um acontecimento, um “algo que não sou eu”, que o perpassa, sendo ele (o humano), portanto, o lugar onde esse acontecimento se dá. Por ser esse lugar, esse caminho ou travessia, em que o acontecimento passa (ocorre), podemos entender o indivíduo como um território de acontecimentos, que é afetado, modificado pelas marcas que cada nova ocorrência deixa. Essa afetação ou modificação, por outro lado, não é passiva. Aqui o território-ser humano está em movimento, pois se coloca na direção do acontecimento para ser afetado por ele, subjetivando-o, tornando-o único, trazendo para dentro de si as transformações causadas por esse encontro.

Ao partir desses entendimentos ou inquietações, pois essas informações esclareceram e instigaram minhas reflexões ao mesmo tempo, segui. Meu intuito era conseguir estar aberta e sensível o bastante para permitir que essas memórias, tão subjetivas e únicas, se sentissem encorajadas a brotar, mostrando que poderia colhê-las e acolhê-las, com respeito e afeto, para que juntas conduzissem o andar deste trabalho.

Voltando às experiências

O que significou, para ti, participar da Oficina para Formação de Atores da Escola de Teatro Popular da Terreira da Tribo? Com essa ampla questão iniciei as conversas com os ex-alunos que se disponibilizaram a rememorar o passado referente a essa experiência. Nas cafeterias, salas de estar e salas de ensaio onde nos encontramos, no contato com essas pessoas e suas histórias, eu estava, ao mesmo tempo, fazendo essa pergunta a mim mesma, buscando e encontrando similaridades e diferenças em cada resposta que ouvia.

Um silêncio demorado e reflexivo foi a reação mais comum a essa questão, seguida por expressões que demonstravam o quanto ela movimentava de emoções e lembranças significativas nas trajetórias percorridas, ali mesmo, diante de meus olhos. Acima de tudo, o que ficou mais evidente foi o sentimento de carinho pelo lugar, pessoas e acontecimentos vivenciados. Um lugar de afetos que não cabem no tempo, não se perderam no passado.

Os caminhos que levaram esses indivíduos a cruzarem essa mesma porta, em tempos distintos, são diversos. A admiração pelo trabalho do grupo Ói Nós Aqui Traveiz, a possibilidade de participar de uma oficina teatral gratuita, o chamado dos amigos já inseridos nesse processo de formação, ou até mesmo o acaso, as misteriosas circunstâncias que nos levam a lugares nunca antes imaginados. Alguns iniciaram sua participação na Escola de Teatro Popular da Terreira da Tribo através das Oficinas de Bairro ou da Oficina Livre, ingressando na Oficina para Formação posteriormente. Outros ainda tiveram sua trajetória marcada pela vivência no grupo Ói Nós Aqui Traveiz antes de participarem da Formação de Atores. Apesar dessa diversidade, o que surge como característica comum é o fato da maioria dos ex-alunos considerar a passagem pela Oficina como ponto decisivo para construção do desejo e da certeza de ser o teatro, ou as artes coletivas, o caminho a ser seguido. Um dos entrevistados afirma: “hoje, se eu mantenho um processo teatral é porque... é a [Escola da] Terreira que me faz querer um novo grupo, que me faz querer estar aqui em Porto Alegre, que me faz desenvolver atividades teatrais... significou tudo. Em termos de formação” (Entrevista 02).

A expressão “divisor de águas” (Entrevistas 02 e 05), utilizada como resposta por dois entrevistados, traduz de forma assertiva as impressões causadas pelos depoimentos, que têm na Oficina para Formação o espaço em que o (re)pensar sobre si e sobre o mundo é despertado. Para essas pessoas, antes e além da construção ou ressignificação dos sujeitos como artistas, essa experiência proporcionou o questionamento e a (re)descoberta dos sujeitos como cidadãos e agentes de transformação pessoal e social. De fato, como afirma o pesquisador Narciso Telles, no projeto pedagógico das oficinas da Escola, a formação do sujeito como cidadão, “com consciência político-social, encontra-se no mesmo patamar que a formação artística do ator” (TELLES, 2008, p.69). Nas palavras de uma das entrevistadas:

Essas experiências que tive lá dentro, fizeram com que, quando eu terminasse o curso, meu olhar para o mundo, para as coisas do mundo, não só a ver com as minhas buscas artísticas, tivesse se aguçado mais, a perceptividade, digamos assim. [...] Na verdade isso é um exemplo pessoal meu, mas como muitas outras coisas que acontecem, de tu começar a olhar fenômenos da realidade, que não tem só a ver com a questão mais artística, mas ver o potencial criativo em nossa vida cotidiana mesmo. (Entrevista 04)

Para a atuadora eicineira Tânia Farias, também se faz claro que essa tomada de consciência e engajamento com as questões sociais transborda o fazer teatral, ganhando espaço nas relações diárias dos que tiveram contato com o projeto pedagógico da Escola:

Acho que, pessoalmente, é sempre muito alegre, muito feliz, perceber as pessoas que passaram por aqui, sabe? Muitas não seguiram fazendo teatro, mas são ativas, são atuantes, se questionaram coisas, se envolveram com movimentos políticos, muitas vezes. Enfim, se engajaram em questões que são importantes. Eu acho, que de alguma forma, contribui para uma construção mais solidária de mundo. Que é tu pensares "que legal essas pessoas passaram pela Terreira", quer dizer, foram, de alguma forma, os que beberam deste vinho e saíram animados e alimentados para construir uma coisa mais legal, que é ao fim, ao cabo, o objetivo do que nós fazemos. Que nós sejamos pessoas melhores, pra que nós possamos transformar o meio em que a gente vive, somos nós que podemos fazer isso (FARIAS, 2014).

Ao deparar-me com artistas dedicados a projetos com temáticas sensivelmente e intimamente ligadas ao humano e suas relações, muitos deles problematizadores dos elos sociais existentes, consigo vislumbrar a prática desse discurso. É claro o entendimento da necessidade de um posicionamento político do teatro como acontecimento social que é. Fica clara também, a urgência da tomada de consciência sobre a importância e as consequências do ato artístico, que vejo refletida nas práticas dessas pessoas.

Para aqueles que ingressaram na Oficina muito cedo, com idade entre 15 e 17 anos, a experiência teve ainda caráter formador no que diz respeito às primeiras experimentações de si como sujeito inserido e pensante sobre a sociedade. As ideias de liberdade e coletividade passam a ser, segundo eles, parte fundamental do modo de ser e agir desses indivíduos, durante e após essa experiência.

O entendimento do teatro como atividade prioritariamente coletiva é um dos resultados da vivência na Oficina de Formação salientado pelos entrevistados. O incentivo à troca de ideias e experiências, ao desenvolvimento da autonomia na organização em grupo, ou mesmo a prática do contato intenso entre os estudantes, o que um deles denominou como “olho no olho”, são fatores que influenciam a prática teatral no presente desses indivíduos. No entanto, em uma das entrevistas, em que o ex-aluno tem sua experiência na Oficina emaranhada com a vivência no Ói Nóis Aqui Traveiz, uma importante observação é feita a respeito do trabalho em grupo:

Acho que a importância do grupo... Ele em todos os aspectos, para o indivíduo, ele é importante. Mas o indivíduo, dentro do grupo, também precisa ser levado em consideração. Então acho que a minha experiência, que é permeada, que eu não consigo desvincular [do grupo] [...] fazendo uma leitura bem hoje à distância, acho que em vários momentos eu tive que trabalhar de não reproduzir o que acontecia no grupo, [para não] acontecer isso na Escola... de tu te tornar o condutor, o monitor, o principal agente, o responsável por todos, sabe? (Entrevista 06).

Tal percepção, posterior à vivência na Oficina e no grupo, é resultado de profunda reflexão e distanciamento, e traz como aspiração para a prática artística atual o pressuposto de que a coletividade não se sobreponha ao indivíduo, mas que

considere suas ideias e anseios, fomentando seu crescimento enquanto ser pensante que é. Stela Fischer, no livro *Processo Colaborativo e Experiências de Companhias Teatrais Brasileiras*, se detém sobre esse aspecto, mais precisamente aos atritos relacionados ao momento de criação de montagens teatrais no Ói Nóis, afirmando que esses processos geram, muitas vezes, “antagonismos e divergências de ponto de vista, na maioria dos casos quando um integrante sobrepõe poder de sugestão sobre o trabalho do outro” (FISCHER, 2010, p.78), mas entende essa prática sendo, por vezes, necessária à concretização do trabalho artístico do grupo.

Ainda sobre a unanimidade da compreensão de que o teatro está intrinsecamente ligado ao grupo, afirmam os ex-alunos que o teatro é coletivo, e essa certeza é edificada em parte pela forma como o processo de construção do conhecimento se dá na Oficina: em conjunto.

A gente fez vários exercícios de ter que trabalhar em grupo, de ter que fazer negociações em grupo, de ter que conseguir se arranjar e de pensar como é que se faz para fazer o teatro acontecer. Eu acho que isso é bem presente na Escola. Aliás, eu acho que isso é um ponto muito marcante mesmo para a trajetória das pessoas que saem dali, independente de onde elas vão, do que elas vão fazer com aquilo. E fica bem claro que as pessoas entendem que a coisa para funcionar tem que ser feita junto com outras pessoas, e essas pessoas tem que buscar algum nível de acordo, algum nível de entendimento. (Entrevista 05)

Pensando sobre minhas primeiras experiências na Oficina para Formação, lembro-me da sensação de descoberta de algo completamente novo e surpreendente: o teatro como um ato de extrema importância, intimamente ligado às questões humanas, propondo profundas reflexões acerca delas. O teatro que me desconstruía, que me tirava do conforto das certezas e preconceitos arraigados em meu pensamento. Esse desconforto, ou seja, esse movimento que se torna necessário quando se está imerso nesse processo de formação, está presente em todos os relatos, sem exceção. Há quem diga que o fazer teatral tem sentido apenas quando traz em si uma semente de transformação, tanto para quem faz quanto para quem assiste que deve sair dali mexido, tocado, transformado.

[...] eu quero continuar fazendo esse tipo de teatro, assim, que mexe, que move energias, energias nossas, enfim, dos chakras... energias antigas, dos nossos ancestrais, do nosso interior e, principalmente uma energia porrada, política, de crítica à sociedade, de

questionamento da sociedade... de transformação, também, creio eu, ainda, da sociedade... e de cada pessoa. (Entrevista 05)

Um teatro que não se isenta do posicionamento político, por compreendê-lo como parte fundamental de seu processo. Ao mesmo tempo, busca ir além, do concreto ou compreensível, das relações sociais, pretendendo atingir algo mais profundo e sutil, ao mesmo tempo intenso, algo como a energia da essência humana, manifesta através da arte.

Além de ser uma experiência significativa na vida dos opinantes, a Oficina para Formação tem papel fundamental nos processos de criação do grupo e de seus atores, que se sentem alimentados pelo contato com os aprendizados ali desenvolvidos, que afetam e transformam discentes e docentes, de forma significativa. Para Tânia, é clara a relação de influência mútua que se estabelece entre o plano pedagógico desenvolvido na Escola e o processo criativo do grupo.

Eu acho que é muito diferente a minha relação, inclusive, com o trabalho de criação. Não é uma coisa que fica estanca, "então tá, me influi, me toca, me modifica para Tânia professora, para Tânia oficinaira", eu sinto que não, eu sinto que é uma coisa que me transforma como artista. E então, inevitavelmente isso vai para o processo criativo que eu estou fazendo. É muito palpável pra mim, perceber que "ah, estava criando isso e isso veio direto parar no trabalho criativo". [...] Então, a gente pode falar do artista-pedagogo mesmo, porque tu estás ali e tu não deixaste de ser artista porque tu está ali naquele processo de construção de aprendizagem junto com os outros. E eu tenho certeza que se eu consegui, na minha experiência, se eu consegui provocar e assim, construir algo de aprendizagem, foi porque eu estava também me construindo e aprendendo (FARIAS, 2014).

Um mergulho em água fria

O ato de fazer a pergunta “o que significou, para ti, fazer a Oficina para Formação de Atores da Escola da Terreira da Tribo?” a mim mesma, a cada vez que a repetia para cada um dos entrevistados, me deu muito tempo para pensar a esse respeito. Mesmo assim, reajo com o mesmo silêncio, a mesma suspensão que pude observar em todos eles quando se torna inadiável escrever sobre o assunto. Inexplicavelmente, nesse momento em que estou em frente ao computador, me vêm

à cabeça os fatos vivenciados antes do contato com o Ói Nóis e a Oficina de Formação. Lembro-me de quando me mudei para o Rio de Janeiro. Tinha dezoito anos e queria fazer teatro. Minha tia, que morava lá há alguns anos, quando soube da minha vontade, disse: “tu tens que morar aqui. Se queres fazer teatro, tem que ser no Rio de Janeiro”. Eu, com toda a minha ingenuidade e esperança, fiz minhas malas e fui. Na primeira oportunidade que tive de conhecer o mar carioca, lembro-me que cheguei à Praia de Copacabana, que tanto havia ouvido falar, com o maior entusiasmo possível. Já na chegada, vi que a realidade era um tanto diferente do que haviam falado. Havia lixo na areia e, o que mais me deixou perplexa: pombos. Havia pombos na beira da praia. Mesmo assim, andei a passos largos (na areia escaldante) para colocar os pés no mar. Quando o fiz, mal conseguia respirar. A água era tão gelada, que sentia como se espinhos de gelo fincassem minhas pernas. Corri de volta para a areia e sentei, observando o mar.

Permito-me contar esse pequeno episódio, pois ele traz em si um pouco da sensação de minhas experiências teatrais no Rio, anteriores à Oficina para Formação. Não que ele represente o todo do que vivencie, mas em respeito ao que minha memória revela agora. Era muito inexperiente, havia feito duas oficinas de teatro no tempo de um ano antes de me mudar, o que, naturalmente, era um “problema” que dizia respeito somente a mim. Nos cursos nos quais me matriculei, essa inexperiência nem sempre despertava reações pacientes e compreensivas. Chegava a ouvir gritos, dirigidos a mim, vindos dos professores. Fiquei impressionada em saber que teatro era algo tão difícil. Além disso, sentia dificuldades em me sentir apropriada dos conteúdos e temas que eram escolhidos para serem comunicados ao público. Enfim, estava deslocada.

Voltei para Porto Alegre e, como já compartilhado no início deste trabalho, foi a partir da experiência de assistir a um espetáculo do Ói Nóis que nasceu em mim o desejo de fazer um teatro que comunicasse algo profundo, importante, com paixão e energia semelhantes àquilo que via, sentia, ouvia, respirava, tocava, e todos os demais sentimentos e sensações possíveis. Descobri que isso era possível no contato com o grupo. Todo o movimento de ser perpassada pelo acontecimento, me mobilizar em sua direção, ser transformada por ele, iniciou ali. Como esperava, na vivência da Oficina, fui percebendo que os exercícios propostos, estruturados pelos

oficineiros, eram fruto do desejo dos atuadores de compartilhar e possibilitar aos alunos que vivenciassem essas experiências, vividas por eles nos espetáculos do grupo. Voltando à pergunta. Esse processo se deu de forma tão intensa para mim que me senti mergulhando de corpo inteiro, num imenso banho de água fria. Significou, portanto, um banho de água fria. Mas, dessa vez, me sentia desperta. Diferente daquele choque, no primeiro contato com o mar carioca, foi um banho de água fria que me assustou, pela sua força, mas, principalmente, me despertou pra vida, para o que viria a partir disso, para todas as possibilidades.

Relembrando de todo o tempo passado na companhia de meus colegas de Oficina, devo dizer que sentia como se fôssemos uma família. Passávamos muito tempo juntos, compartilhamos muitas descobertas, sentimos juntos muitas dores e amores, e tudo de forma muito rápida e intensa. Rápido e intenso como um mergulho na água fria, que te assusta, desperta e renova. O entendimento do teatro como um acontecimento coletivo, em que o encontro entre indivíduos que anseiam construir algo em conjunto, é muito presente em meu pensamento a respeito do fazer teatral. Não consigo conceber o teatro como um evento restrito a um pequeno número de pessoas, pois desejo que ele se expanda e abarque o maior número possível, pois, assim, mais ideias, mais olhares e experiências são agregadas, enriquecendo, e muito, esse momento.

Considerações finais

Ao concluir uma importante etapa na trajetória de minha formação escolhi voltar atrás no tempo e falar sobre o momento que é o germinador de muito daquilo que sei e acredito em relação à arte: a experiência na Oficina para Formação de Atores e o contato com a Tribo de Atuadores Ói Nóis Aqui Traveiz. Creio que o tenha feito numa tentativa de compreender melhor o passado, podendo caminhar em direção ao futuro com mais serenidade e consciência de meus passos. Ao decidir voltar os olhos para essa experiência, intuía que também seria necessário voltar os olhos para mim mesma, para minhas crenças e propósitos, para aquilo que fui um dia e para aquilo que sou hoje.

Talvez por isso a escolha do tema deste trabalho não tenha sido fácil. Antes de assumi-la precisei fazer um longo percurso interno, consultando meus sentimentos mais íntimos, entendendo e aceitando que esse retorno poderia ser uma experiência bastante intensa em que se faria necessário reavivar a memória e as sensações dos momentos antes vividos, tão importantes e marcantes para mim ainda hoje. O que sabia é que trazia comigo inúmeras e significativas lembranças, algumas muito felizes e outras um tanto quanto dolorosas. Essas últimas eram as que mais temia lembrar.

Acredito ser válido compartilhar que, antes do início desta escrita, quando recordava o processo de montagem da peça *Viúvas*, já relatado anteriormente, o fazia com certa mágoa. A impressão que guardei desses momentos me fazia crer que a construção do espetáculo não havia abraçado o que acreditava ser o ideal do processo de construção coletiva, em que todos os envolvidos participam de forma efetiva e profunda na construção de um espetáculo. Entretanto, ao me colocar o desafio de descrever o percurso de estruturação da peça *Viúvas*, lembrando cada passo dado, para a minha surpresa, minha memória mostrou que a contribuição dada por todo o grupo para a sua idealização fora muito maior! Lembrei-me das inúmeras conversas, dos filmes que assistimos juntos, da dor que senti por conhecer a história de Salvador Allende e da simpatia que passei a ter por sua figura e do

emocionante ritual que criei para apresentar uma das personagens ao grupo. O passar do tempo me possibilitou, enfim, enxergar os fatos sem o véu do ressentimento, que acabava turvando minha lembrança e minha visão. Lembro que o desenvolvimento da peça se deu no contexto de criação do grupo Ói Nós Aqui Traveiz, não mais no contexto da Oficina para Formação de Atores, o que exigiu um significativo comprometimento e maturidade, talvez não alcançados por mim naquela época. Além disso, seu processo ocorreu no momento em que se fazia urgente decidir entre seguir minha jornada com o grupo ou retornar à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para que pudesse, enfim, completar minha graduação em Teatro. Como havia optado pela segunda opção, ainda inconscientemente, sem admitir isso a mim mesma, aliando isso à força do texto de Ariel Dorfman, percebo hoje que a dor dessa decisão e de viver esse momento era muito maior do que acreditava ser, o que talvez explique as sensações trazidas por mim até esse reencontro no presente com as memórias do passado.

Felizes foram todos os encontros que a feitura deste trabalho possibilitou, companhias com as quais pude fazer essa bonita viagem. No processo de construção deste trabalho, no contato com os ex-alunos entrevistados, pude perceber que para todos eles a vivência na Oficina para Formação de Atores foi e ainda é uma experiência muito marcante, com forte influência em suas vidas pessoais e artísticas, principalmente no que tange ao entendimento da importância de um posicionamento consciente, ético e engajado diante da sociedade, das relações mais íntimas e da arte. Para a maioria das pessoas que passaram pela Oficina, o que fica é a sensação de que a construção ou a aceitação de um fazer artístico que não traga em si a reflexão e a busca pela transformação não é válido, não tem espaço na prática de seu ofício.

Creio que expor neste trabalho, além dos aspectos considerados positivos pelos entrevistados, aqueles tidos como contraditórios ou que carecem de maior reflexão e até mesmo mudança, mostra que o desenvolvimento da Oficina, ao longo desses anos, é vivo e está sempre em construção. Além disso, a exposição dessas perspectivas nos relatos dos entrevistados mostra que existe o desejo por parte deles de que a Oficina possa ainda contribuir para a formação de muitas outras pessoas, de forma cada vez mais positiva.

Pude perceber, no encontro com os professores entrevistados para a realização deste trabalho, que existe um grande envolvimento e paixão pelo projeto da Escola de Teatro Popular e principalmente pela Oficina para Formação, que de forma muito íntima e generosa se alimenta de e contribui para os processos vivenciados no Ói Nós Aqui Traveiz, mostrando se tratar de um espaço de formação e pesquisa do trabalho do ator que possui grande relevância para o grupo e para a comunidade artística de Porto Alegre.

Ao entrar em contato com as experiências das pessoas que se dispuseram a compartilhar suas memórias, opiniões e reflexões, pude rever as minhas de forma mais tranquila e distanciada, tendo ainda a oportunidade de reelaborá-las, compreendendo melhor os fatos vivenciados e encontrando neles a certeza de que fizeram parte de um processo intenso e profundo, responsável por parte da formação daquilo que sou hoje. Deixo registrada aqui a minha gratidão por todos aqueles que se mostraram para mim de forma tão aberta e corajosa, inspirando-me a buscar o mesmo na feitura deste trabalho. Também a gratidão e o amor que alimento pela Terreira da Tribo, o Ói Nós Aqui traveiz, A Escola de Teatro Popular e a Oficina para Formação de Atores, seus professores e apoiadores, os atuadores do Ói Nós.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Sandra. **Atuadores da Paixão**. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura/ FUMPROARTE, 1997.

ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo; ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismo para validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Que é o método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

BRITTO, Beatriz. **Uma tribo nômade: a ação do Ói Nós Aqui Traveiz como espaço de resistência**. 2ed. Porto Alegre: Terreira da Tribo Produções Artísticas, 2009.

CARVALHO, Sérgio de (Org.). **Introdução ao teatro dialético: experimentos da Cia. do Latão**. São Paulo: Expressão Popular; Cia. do Latão, 2009.

DICIONÁRIO Priberam de Língua Portuguesa. Disponível em <<http://www.priberam.pt/Produtos/Dicionario.aspx>> Acesso em: 12 dez. 2014.

FARIAS, Tânia. **Entrevista concedida à Anelise Vargas da Silva** – realizada na Terreira da Tribo de Atuadores Ói Nós Aqui Traveiz, Porto Alegre: outubro de 2014.

FISCHER, Stela. **Processo colaborativo e experiências de companhias teatrais brasileiras**. São Paulo: Hucitec, 2010.

FLORES, Paulo. **Entrevista concedida à Anelise Vargas da Silva** – realizada na Terreira da Tribo de Atuadores Ói Nós Aqui Traveiz, Porto Alegre: outubro de 2014.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1989.

GARCIA, Silvana. **Teatro da militância: a intenção do popular no engajamento político**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**; traduzido por Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LARROSA, Jorge. **Experiência e alteridade em educação**. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p.04-27, jul./dez. 2011.

NETTO, Maria Amélia Gimmler. **Ética, boniteza e convívio teatral**. Pelotas: Editora Universitária UFPEL, 2013.

NOGUEIRA, Márcia Pompeo (Org.). **Anais do I Seminário Teatro e Comunidade: interações, dilemas e possibilidades**. Florianópolis: Editora da UDESC, 2009.

TELLES, Narciso. **Pedagogia do teatro e o teatro de rua**. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2008.

TROTTA, Rosyane (Org.). **Ói Nós Aqui Traveiz: a história através da crítica**. Porto Alegre: Terreira da Tribo Produções Artísticas, 2012.

VECCHIO, Rafael. **A utopia em ação**. Porto Alegre: Terreira da Tribo Produções Artísticas, 2007.